

Capítulo I

ESTUDO DA VIDA E DA OBRA DOS AUTORES E DESCRIÇÃO DOS TESTEMUNHOS

1.1. BIOBIBLIOGRAFIAS

Pedro Taques de Almeida Paes Leme, Frei Gaspar da Madre de Deus e Manuel Cardoso de Abreu têm em comum, entre outras coisas, o fato de terem nascido e vivido na Capitania de São Vicente, no século XVIII, e de terem escrito textos sobre a história da sua terra e da sua gente. Outro aspecto que aproxima esses três personagens e que norteia este trabalho é a apropriação dos textos dos dois primeiros por Manuel Cardoso, para a composição de um novo texto, uma retextualização¹, portanto, intitulada *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*.

O estudo da vida e da obra desses autores torna-se relevante para um melhor entendimento desse caso de apropriação textual.

1.1.1. Pedro Taques de Almeida Paes Leme (1714–1777)

Biografia

Pedro Taques de Almeida Paes, nascido em São Paulo, em fins de junho de 1714, é o segundo filho do sertanista Bartolomeu Paes de Abreu e de Leonor de Siqueira Paes, descendentes das famílias mais antigas e abastadas de São Paulo. Sobrinho-neto do bandeirante Fernão Paes Leme, passou a assinar o sobrenome

¹ Retextualização é, de acordo com Matêncio (2003, p. 3-4), “a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base (...) tendo em vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referências”.

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

“Leme” de sua avó paterna somente em 1767. Antes dessa época, conforme Porchat (1993, p. 88), “seu nome é encontrado em alguns documentos como Pedro Taques de Almeida Lara”. Estudou com os jesuítas no Colégio de São Paulo, onde se graduou mestre de armas. Possuía grandes conhecimentos de latim e francês, o que configurava a sua elevada cultura, superior para a época e ao meio em que viveu. Em 1737, aos 23 anos de idade, obteve a patente de sargento-mor do Regimento de Auxiliares das Minas de Paranapanema e Apiaí. Após a morte de seu pai, em 1738, e, mais tarde, de seu irmão mais velho, a família, composta pela mãe e mais seis irmãos, passou por grandes dificuldades financeiras, sendo todos os seus bens confiscados para pagamento de dívidas.

Em 1745, casou-se com Maria Eufrásia de Castro Lomba, com quem teve cinco filhos, e mudou-se, em 1748, para Goiás, onde seu sogro, o capitão Gregório de Castro Esteves, era oficial do regimento de cavalaria. Dois anos depois foi nomeado, pelo Conde dos Arcos, escrivão fiscal da Intendência Comissária e da Guarda Moria do Distrito de Pilar, com jurisdição sobre os arraiais de Crixás, Guarinos e Papuan (hoje a cidade de Pilar de Goiás). Serviu também nesses lugares como provedor de defuntos e ausentes até 1754, quando decidiu voltar para São Paulo, onde encontrou sua família com as mesmas dificuldades financeiras.

Pedro Taques dedicou toda a sua vida aos estudos históricos, sendo de 1742 seu primeiro trabalho genealógico. Como grande conhecedor da história e genealogia paulista, foi solicitado por D. João de Faro, prelado da Basílica Patriarcal de Lisboa, para defender os direitos que o conde de Vimieiro, seu sobrinho, descendente legítimo de Martim Afonso de Sousa, tinha à capitania de São Vicente. Assim, partiu para Portugal em meados de 1755, onde, além de frequentar os Arquivos de Lisboa, entre eles a Torre do Tombo e o Arquivo Ultramarino (TAUNAY, 1923, p. 251), em busca de documentos sobre a posse da capitania, tentaria publicar a parte já pronta de sua *Nobiliarquia Paulistana* e continuar sua pesquisa para a sua conclusão. No entanto, devido ao terremoto de 1º de novembro de 1755, seguido do incêndio e do maremoto que se alastraram pela cidade de Lisboa, Pedro Taques teve seus pertences, inclusive os originais da *Nobiliarquia*, totalmente destruídos. Permaneceu ainda oito meses em Lisboa, hospedado por sua parenta dona Isabel Pires Monteiro, casada com João Fernandes de Oliveira. Aos poucos retomou seu trabalho e, antes de retornar ao Brasil, aproveitou a influência de João Fernandes junto às autoridades reais para requerer o cargo de tesoureiro-mor da Bula da Santa Cruzada nas capitanias de São Paulo, Goiás e Mato Grosso, cujo

objetivo era “superintender a venda, e arrecadação do produto da cobrança das bulas, papel estampilhado, cuja aquisição permitia aos fiéis certos privilégios quanto à dispensa de alguns jejuns obrigatórios”, conforme Taunay (1954b, p. 25). Para conquistar o cargo, teve que se submeter à hipoteca de todos os seus bens e contar com a confiança de dois fiadores.

Em 20 de agosto de 1757, já no Brasil, sua esposa falece e, quatro anos mais tarde, Pedro Taques casa-se pela segunda vez, com Ana Felizarda Xavier da Silva, filha do escrivão da Real Fazenda do Rio de Janeiro, André Xavier Francisco de Siqueira.

Em 1763, foi investido do cargo de guarda-mor das Minas da Comarca de São Paulo, cargo que exerceu juntamente com o de tesoureiro-mor.

Ao lado de Frei Gaspar da Madre de Deus, seu primo e amigo, Pedro Taques é considerado a pessoa mais destacada e culta de São Paulo na época, segundo assevera Taunay (1925, p. 155), sendo inclusive consultado muitas vezes pelo governador Luís Antonio de Sousa Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, sobre a fundação do presídio de Iguatemi e as questões de limites entre as capitanias de São Paulo e Minas.

Em 1765, como procurador da Câmara da cidade de São Paulo e das vilas de Pindamonhangaba e Cananea, tratou de negócios referentes a toda a capitania e deu impulso às suas pesquisas para a reconstrução e continuidade de sua *Nobiliarquia*.

Casa-se pela terceira vez, em 1769, com Inácia Maria da Anunciação e Silva.

Em 1770, o Morgado de Mateus confirma o genealogista no cargo de guarda-mor das Minas e o encarrega de escrever a *Informação sobre as Minas de São Paulo* (1772) e a *Informação sobre o Estado das Aldeias dos Índios da Capitania de São Paulo* (reputa-se perdida), obras que, ao lado de *História da Capitania de São Vicente*, concluída em 1772, foram compostas com a ajuda de amanuenses, para quem seus textos eram ditados², devido ao avanço da paralisia que o impedia de sentar-se e de escrever. Por esse tempo perdeu, com pequeno intervalo, os dois únicos filhos homens que possuía: o frei carmelita Joaquim Antônio Taques, aos 25 anos, que servia de copista ao historiador, e Balduino Abegaro Taques de Moraes, aos 23.

Durante sua permanência em Lisboa, em 1774, Taques foi consultado várias vezes pelo marquês de Pombal, devido aos seus estudos sobre a história de São Paulo.

² Cf. Carta de Pedro Taques. In: **Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo**, 1896, vol. IV, p. 10-12 e 21-22.

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

Quando parte de Portugal, em agosto de 1776, deixa os originais da *Nobiliarquia Paulistana* aos cuidados do desembargador e guarda-mor da Torre do Tombo, João Pereira Ramos, sendo desse manuscrito que se valeu Diogo de Toledo Lara e Ordonhes para a cópia “que viria servir para a edição do livro quase um século depois, editado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, como assevera Rodrigues (1979, p. 132).

Devido à morte de Pedro Taques em 3 de março de 1777, seus manuscritos dispersaram-se e muitas das suas obras foram perdidas. Segundo Taunay (1954a, p. 35), graças ao abandono em que caíram os seus manuscritos, deles se aproveitaram Baltazar da Silva Lisboa, para compor a parte inédita dos seus *Anais*, conservada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e Manuel Cardoso de Abreu.

A recuperação da obra de Pedro Taques deve-se especialmente a Frei Gaspar da Madre de Deus, que a ela chamou a atenção do seu público, a Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, que, além de copiar a *Nobiliarquia*, anotou-a e completou-a, e ao historiador Afonso d’Escragolle Taunay, que publicou um estudo apurado de sua vida e obra em *Pedro Taques e seu tempo: estudo de uma personalidade e de uma época* (1922) e reeditou sua obra.

Bibliografia

Pedro Taques, considerado um historiador regionalista, nobiliarquista e genealogista, distingue-se, juntamente com Frei Gaspar da Madre de Deus, por ser dos primeiros, no Brasil, a investigar fontes documentais em arquivos, câmaras e cartórios, para a composição de suas obras, revestindo a história de um novo caráter, mais documental e fidedigno. Ademais, revestiu a história do Brasil de um caráter nacionalista, já que a história que até então se fazia era escrita nos moldes portugueses. Destaca-se em sua obra uma representação dos primeiros povoadores de São Paulo, ligada a um universo de honra, prestígio e nobilitação, ideia presente no próprio título de sua obra principal: *Nobiliarquia Paulistana*, o que, conforme Abud (1985, p. 76), também “está presente no próprio conceito que se pode formar, pela sua leitura, do bandeirante”. A nobreza dos paulistas, para Pedro Taques, justificada pelos cargos que ocuparam na “República” e pela quantidade de terras que possuíam, encontra suas origens em uma raça proveniente do sangue português nobre, livre de qualquer mácula.

Escreveu a *História da Capitania de São Vicente*, terminada a 3 de janeiro de 1772, obra feita sob encomenda por João de Faro e dedicada a ele, como forma de

defender os direitos de seu sobrinho, o Conde de Vimieiro, à posse da Capitania, disputada pelo Conde de Monsanto. Pedro Taques, à época da composição da obra, já sofria os efeitos de uma enfermidade que lhe paralisava os movimentos, impedindo-o, assim, de escrever, por isso, como salienta Taunay (1980, p. 45), ele teria ditado o texto a algum copista e assinado posteriormente.

A obra reconstitui a história da Capitania de São Vicente através dos seus donatários, da sua doação a Martim Afonso de Sousa e Pero Lopes, da posse ao Conde de Monsanto, da posse ao Conde da Ilha do Príncipe, da incorporação de São Vicente à Coroa e da descrição das cidades e vilas da capitania.

O manuscrito apógrafo foi encontrado por Manoel de Araújo Porto-Alegre, em péssimo estado de conservação, em um convento do Rio de Janeiro, segundo Blake (1970, p. 70), e oferecido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pelo Visconde de Uruguai, Paulino José Soares de Sousa. Assim, em 1845, o manuscrito já pertencia ao Instituto, que o imprimiu pela primeira vez em 1847, no volume nono de sua Revista, às páginas 137-178 (primeira parte), 293 a 328 (segunda parte) e 445 a 476 (terceira parte)³.

A *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, que ocupou 50 anos de sua vida, constitui sua maior obra, “pela importância social do tema, pela riqueza da informação, pelo esforço da pesquisa, pela vastidão do trabalho”, conforme observa Rodrigues (1979, p. 137). Dessa obra, só foram publicados vinte e quatro títulos, apesar de haver referência a mais setenta e três, o que perfaz um total de noventa e sete títulos⁴. A *Nobiliarquia* registra a história e a genealogia dos primeiros povoadores de São Paulo, através da exaltação heroica dos seus feitos e proezas, decisivos na expansão territorial do Brasil. Sua maior característica é a riqueza de

³ A obra foi publicada pela primeira vez na **RIHGB**, tomo IX, em 1847; 2ª edição: São Paulo: Melhoramentos, [1928], com um esboço biográfico do autor por Afonso d’E. Taunay; 3ª edição: Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004, (Edições do Senado Federal, v. 25), com um esboço biográfico do autor por Afonso d’E. Taunay (reprodução da 2ª edição) e uma introdução biográfica pelo então senador Romeu Tuma. Encontram-se no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro dois manuscritos apógrafos da obra: cota DL 975.10 (completo) e cota DL 975.20 (fragmento). Há ainda um texto manuscrito adaptado dessa obra na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cota I-30, 24, 1. Segundo Amora, Cal e Coelho (1969, p. 421), o manuscrito original autógrafo dessa obra encontrava-se em algum convento do Rio de Janeiro.

⁴ A **RIHGB** publicou a obra entre os volumes 32 e 35. Não foram encontrados no Instituto os textos manuscritos

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

informações sobre vários aspectos da vida e da história de São Paulo, em torno do movimento bandeirista.

Em sua segunda viagem a Portugal, em 1774, Pedro Taques levou consigo os manuscritos da *Nobiliarquia* e mostrou-os ao desembargador João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, que anotou tal obra e comunicou-a ao seu irmão dom Francisco de Lemos, Conde de Coimbra⁵. Em seu regresso a São Paulo, Taques deixou-a nas mãos de Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, que a copiou, anotou e completou com novas informações. Depois da morte de Diogo Ordonhes, os manuscritos copiados, que constituíam 59 cadernos, passaram ao poder de seu irmão, o Marechal Arouche. Morto este em 1834, os tais manuscritos foram doados a João Fernandes Pinheiro, o visconde de São Leopoldo. “Teve-os S. Leopoldo em mãos durante alguns anos; por sua morte, em 1847, tocaram ao filho Dr. José Feliciano Fernandes Pinheiro, e este, bem inspirado quanto possível, ofereceu-os ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1855” (TAUNAY, 1954b, p. 43).

Escreveu também *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo em 1640*⁶, de 1768, e *Informação sobre as Minas de São Paulo e dos sertões da sua Capitania desde 1597 até 1772*⁷, escrita em 1772 e oferecida ao Morgado de Mateus.

⁵ Devido a essa amizade, é possível que se encontre algum manuscrito de Pedro Taques nos arquivos de Coimbra.

⁶ Em 1848, um apógrafo desta obra, cota DL 42. 17, foi oferecido ao IHGB por Manuel de Araújo Porto-Alegre, que a copiara do manuscrito autógrafo existente na biblioteca do Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro (BLAKE, 1970, p. 71), embora Taunay ([1929], p. 21-22) afirme que o original encontrava-se na biblioteca do convento de São Francisco, da mesma cidade. Há ainda um apógrafo dessa obra no ANTT, seção de Manuscritos do Brasil, n. 48, fólios 128 a 148. A primeira publicação da obra se deu na RIHGB, 1849, vol. 12. A segunda edição foi realizada pela editora Melhoramentos [1929], juntamente com o texto da Informação sobre as Minas de São Paulo.

⁷ Existem cinco manuscritos da Informação no Brasil: um pertencente ao IHGB, cota DL 37. 8, considerado por Antônio Jansen do Paço (1901, p. 1), chefe da seção de manuscritos da BNRJ, como o original, e publicado na Revista do Instituto, 1901, vol. 64, parte I, páginas 1 a 84; outros pertencentes à BN: cota 09, 02, 006, que seria uma cópia “que Pedro Taques ofereceu ao Capitão-general de São Paulo, D. Luís Antônio de Sousa Botelho e Mourão, o morgado de Mateus” (TAQUES, 1954a, p. 46); cota 10, 02, 010, um apógrafo de fins do século XIX, que pertenceu à coleção do Barão Homem de Melo; cota II-36, 07, 003, uma cópia incompleta, e ainda um outro apógrafo depositado na Biblioteca Mário de Andrade, de São Paulo, Coleção Félix Pacheco, cota MS A53. Há também um apógrafo desse manuscrito em Portugal, no ANTT, coleção Manuscritos do Brasil, número 48, fólios 37 a 90. Outra edição dessa obra foi realizada pela editora Melhoramentos, em [1929], juntamente com o texto da Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo.

A correspondência de Pedro Taques foi bastante intensa, mas salvaram-se somente sete cartas, das quais duas são dirigidas a Frei Gaspar da Madre de Deus e publicadas por Antônio Toledo Piza no volume IV da série *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, às páginas 10 a 24. As outras quatro cartas são endereçadas a um destinatário desconhecido, datada de 29 de novembro de 1763⁸; a João Duarte França, datada de 28 de maio de 1764⁹; duas a Agostinho Delgado Arouche, datadas de 23 de abril de 1773¹⁰ e 25 de janeiro de 1774¹¹, e uma dirigida ao governador da Capitania de São Paulo, Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, de 03 de julho de 1774¹². O estudo dessa correspondência é importante para a melhor compreensão da vida e obra do autor e do seu processo criativo.

De seu espólio, reputam-se perdidas as seguintes obras:

- *História de São Paulo.*
- *Memórias de Jundiáí.*
- *Elementos de História de Piratininga ou História Cronológica de Piratininga Paulistana.*
- *Apontamentos.*
- *Discurso Cronológico dos Descobrimentos do Brasil.*
- *Informação sobre o estado das aldeias de índios da Capitania de São Paulo.*
- *Vida de Martim Afonso de Sousa.*
- *História do Levantamento de Minas Gerais.*
- *Demonstração Verdídica e Cronológica dos Donatários da Capitania de São Vicente.*
- *História da Conquista a que foram à Bahia os Paulistas.*

Pedro Taques de Almeida Paes Leme, apesar de ter se dedicado a outros ofícios, ocupando cargos administrativos na Capitania de São Paulo, nunca deixou de

⁸ “Destinatário Desconhecido”, **RIHGSP**, vol. 20, 1915, p. 762.

⁹ “A João Duarte França”, **RIHGSP**, vol. 20, 1915, p. 763-764. Esta carta pertence, segundo Taunay (1954b, p. 47), ao AESP, coleção “Augusto Cardoso”.

¹⁰ “A Agostinho Delgado”, **RIHGSP**, vol. 20, 1915, p. 765.

¹¹ “A Agostinho Delgado”, **RIHGSP**, vol. 20, 1915, p. 766.

¹² “Carta de Pedro Taques ao governador da Capitania de São Paulo, Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, responsabilizando o mau tempo por seu atraso em comparecer à sua presença”, pertencente à BNRJ, cota MS-553 (19) – doc. 164.

- Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

pesquisar e escrever sobre a história e a genealogia paulista, o que lhe garantiu uma obra vasta e de importância reconhecida por seus contemporâneos e por estudiosos de épocas posteriores, no que concerne à compreensão da história política, econômica e social do Brasil colonial.

1.1.2. Frei Gaspar da Madre de Deus (1715-1800)

Biografia

Gaspar Teixeira de Azevedo nasceu no dia 9 de fevereiro de 1715, na fazenda de Sant'Ana, na então freguesia de Santos.

Segundo dos seis filhos de Domingos Teixeira de Azevedo (superintendente das minas de Cataguazes) e Ana de Siqueira e Mendonça, ricos proprietários de terras, pertencentes às mais antigas gerações de povoadores paulistas e parentes de diversos bandeirantes, entrou para a Ordem de São Bento em 1731, aos 16 anos, e adotou o nome de Gaspar da Madre de Deus ao professar, em 1732. Em 1743, aos 28 anos, foi lente de teologia no Rio de Janeiro, onde morou durante muitos anos, e, em 1749, recebeu o título de doutor em teologia.

Frei Gaspar era filósofo, teólogo e também considerado um grande orador sacro, sendo por isso convidado a expor os seus sermões em ocasiões solenes.

Sua carreira na Ordem dos beneditinos revela seu compromisso e sua seriedade. Em 1752, foi eleito Abade de São Paulo, cargo que recusou por não desejar sair do Rio de Janeiro, onde assumiu, em 1763, a abadia beneditina. Passou a Abade Provincial do Brasil em 1766. Dois anos depois, foi eleito Prelado do Mosteiro de São Bento em Salvador, mas recusou, recolhendo-se ao Mosteiro de Santos, em 1769, e, mais tarde, foi convidado pelo governo português a assumir a mitra madeirense, a qual também recusou. Foi Cronista-mor da Ordem dos beneditinos, de 1774 a 1798. Em 1780, voltou ao Rio de Janeiro, onde foi mestre do noviciado da Ordem.

Manteve contato com as academias portuguesas, em especial a Academia Real de História, centro de erudição da época. Foi membro da Academia Brasileira dos Renascidos, fundada em Salvador em 1759, cujo objetivo era “escrever a História Universal, eclesiástica e secular da América Portuguesa”, como aponta Moisés (2001, p. 215). Em 1796, foi nomeado sócio correspondente da Academia Real de Ciências de Lisboa, por onde teve sua primeira obra impressa, as *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, em 1797. A vinculação ao movimento acade-

micista orientou os caminhos tomados na composição das obras de Frei Gaspar, já que segue os seus parâmetros, na medida em que examina “tudo com o máximo rigor possível, de forma que a autoridade da tradição fosse transferida à autoridade das fontes autênticas” (KANTOR, 2004, p. 72).

Convivendo com Rocha Pitta, considerado um dos grandes representantes da intelectualidade do Brasil da época e grande historiador, e aprendendo com ele os primeiros ensinamentos de História, Frei Gaspar revela desde cedo inclinação para os estudos históricos, por isso, quando se recolhe a Santos, sua região natal, dedica-se inteiramente à pesquisa. Rodrigues (1979, p. 144) observa que o que mais distingue o beneditino é justamente sua pesquisa exaustiva em arquivos e cartórios, o que revela, conforme Abud (1985, p. 74), uma forte ligação com a tradição de pesquisa que vinha do final do século XVII, especialmente na França:

Tal tradição vinha do final do século anterior, com a obra de D. Mabillon “*De re diplomatica*” que iniciou a “*ciência do documento*”, valorizando o documento escrito como prova da História, trabalho que foi continuado pelos beneditinos da Congregação de Sain-Maur e que trouxe “*condições seguras para o conhecimento histórico*”.

Havia também em Frei Gaspar, assim como em Pedro Taques, a preocupação com uma História “segura e verdadeira”, manifesta através do “tratamento ponderado da documentação e interpretação rigorosa dos fatos”, como atesta Moisés (2001, p. 171), que transparece em todas as suas obras, ao transcrever e citar as fontes utilizadas, porque esses documentos, extraídos “dos Arquivos das Câmaras, da Câmara Episcopal, das Casas de Misericórdia, dos Conventos, Mosteiros, dos Cartórios e de Legislação” (ABUD, 1985, p. 75), traziam em si a certeza de sua autenticidade.

Compartilhando os mesmos interesses históricos, Frei Gaspar e Pedro Taques mantiveram assídua correspondência e uma amizade sólida, que se consolida na troca de informações e na apreciação crítica que um fazia do trabalho do outro, segundo assevera Taunay (1953, p. 16). Suas obras têm muitos pontos em comum e consolidam uma História Colonial de São Paulo, centralizada no bandeirismo.

Faleceu em Santos, no dia 28 de janeiro de 1800, aos 85 anos de idade, e foi sepultado na igreja do convento de São Bento, na mesma cidade.

Bibliografia

Frei Gaspar da Madre de Deus trabalhou intensamente até avançada idade e possuía diversos manuscritos, mas até 1797 ainda não havia publicado nada, por

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

isso, Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, ouvidor em Cuiabá e eleito, em 1795, sócio correspondente da Academia Real de Ciências de Lisboa, seu amigo, apresentou, no mesmo ano de 1795, os manuscritos dos dois primeiros livros de *Fundação da Capitania de São Vicente e açoens de Martim Affonso de Souza no Brazil* ao exame da Academia. A obra foi aceita para a publicação e, após algumas modificações formais exigidas pela Academia, em especial a alteração do seu título para *Memórias para a História da Capitania de São Vicente, hoje chamada de São Paulo do Estado do Brasil*, foi impressa em 1797, configurando-se, segundo Rodrigues (1979, p. 145), como “a consagração da historiografia regional e da pesquisa histórica de caráter local por uma instituição oficial metropolitana”.

A obra deveria ser dividida em três livros, mas apenas os dois primeiros foram enviados a Lisboa para serem impressos. O terceiro livro, prometido no final do segundo¹³, é motivo de especulações: houve apenas uma intenção de Frei Gaspar em dar continuidade à obra, mas ela nunca foi escrita, ou teria realmente sido escrita, mas perdeu-se.

Em 1861, a RIHGB publicou, no volume 24, um texto intitulado *Continuação das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus*, que se reputou ser o terceiro livro das *Memórias* do beneditino, mas o historiador Afonso Taunay verificou que, na verdade, esse texto não era da autoria de Frei Gaspar, mas do oficial maior Manuel Cardoso de Abreu, que, para sua composição, valeu-se de trechos da *História da Capitania de São Vicente*, de Pedro Taques (TAUNAY, 1925, p. 173).

As *Memórias* foram publicadas em dois livros, dos quais o primeiro compõe-se de quatro capítulos: “Fundação de São Vicente”; “Fundação de Santos”; “Fundação da Cidade de São Paulo” e “Fundação da Vila de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém”. O segundo livro é composto por apenas um capítulo: “Fundação da Capitania de Santo Amaro”.

Nessa obra, Frei Gaspar celebra Martim Afonso de Sousa como um herói, põe sempre em destaque a nobreza e o valor dos primeiros povoadores de São Vicente, cujas raízes se encontram na mistura do sangue dos mais ilustres portugueses e indígenas, como João Ramalho e Tibiriçá, descreve as expedições paulistas, que fundamentaram a expansão territorial da Capitania de São Vicente, trata da acla-

¹³ “[...] até que a Rainha nossa Senhora foi servida conceder-lhes hum equivalente pela Capitania de 100 legoas de Costa, chamada de S. Vicente, como se verá em outro Livro, que destinamos ainda publicar sobre estas matérias” (MADRE DE DEUS, 1797, p. 242).

mação de Amador Bueno, dos limites entre as capitanias de São Vicente e de Santo Amaro e da questão judiciária entre Monsanto e Vimieiro. Abud (1985, p. 86) salienta que, especialmente nessa obra, Frei Gaspar, numa valorização dos paulistas, que se dá pela nobilitação do mestiço, pelo exercício militar e pelas conquistas empreendidas pelas expedições, agiu como um porta-voz das reivindicações das antigas famílias da terra, às quais ele pertencia, como forma de garantir “o seu lugar naquela sociedade ainda estamental”, mas ameaçada por um novo grupo de comerciantes e tropeiros recém-chegados de Minas Gerais e estabelecidos em São Paulo, que ascendia econômica e socialmente. Além disso, as *Memórias* são uma resposta a uma campanha difamatória contra os paulistas, levada a cabo por cronistas estrangeiros, como Pierre François Xavier de Charlevoix e Joseph Vaissette, como observa Kantor (2004, p. 224).

Escreveu, em 1746, *Dissertação e explicação sobre terras de contenta entre o Mosteiro de São Bento e o Convento do Carmo, em Santos*¹⁴, como resultado de um pedido de seu Provincial para a defesa dos direitos do mosteiro de Santos à posse do santuário de Monserrate, contestados pelos carmelitas, conforme observa Taunay (1953, p. 10).

Além das *Memórias*¹⁵, terminadas em 1786, sua obra principal, e da *Dissertação e explicação*, Frei Gaspar escreveu:

- *Relação dos Capitães Loco-Tenentes da Capitania de São Vicente, uns nomeados pelos verdadeiros donatários e outros pelos intrusos*¹⁶.
- *Notas Avulsas sobre a História de São Paulo*¹⁷.

¹⁴ RIHGSP, vol. 16, 1911, p. 245-276.

¹⁵ Edição princeps: Lisboa: Academia Real das Ciências, 1797; 2ª edição: RJ: Tipografia de Agostinho de Freitas Guimarães, 1847 (reprodução da edição de Lisboa); 3ª edição: SP e RJ: Weiszflog Irmãos, 1920; 4ª edição: SP: Martins, 1953; 5ª edição: Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1975 (reprodução da edição publicada pela Livraria Martins, em 1953); 6ª edição: Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010 (reprodução da 3ª edição, publicada por Weiszflog Irmãos, em 1920). O manuscrito original de imprensa encontra-se no arquivo da ACL, Série Azul, n. 1751. Existem ainda dois apógrafos das *Memórias*: um encontra-se na BNRJ e pertenceu à coleção dos marqueses de Castelo Melhor, cota 09, 03, 008, sob o título Fundação da Capitania de São Vicente e açoens de Martim Affonso de Souza no Brazil; outro, sob o mesmo título, está incompleto e encontra-se no ANTT, em Lisboa, seção dos Manuscritos do Brasil, n. 48, fólhos 1 a 35.

¹⁶ RIHGSP, vol. 5, 1899-1900, p. 159-176.

¹⁷ RIHGSP, vol. 5, 1899-1900, p. 180-195.

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

- *Oração Fúnebre nas exéquias que, pelo Sereníssimo Senhor D. José I, Rei Fidelíssimo de Portugal, mandou celebrar a Câmara de Vila do Porto de Santos, aos 14 de julho de 1777*¹⁸.
- *Parecer sobre um estudo genealógico*¹⁹.
- *Carta ao Secretário da Academia Brasílica dos Renascidos*²⁰.
- *Carta endereçada ao Capitão-General Bernardo José de Lorena*²¹.
- *Catálogo dos capitães mores, generais e Vice-Reis que governaram a Capitania do Rio de Janeiro, desde o ano de 1565 até o presente de 1799*²².
- *Notícias dos anos em que se descobriu o Brasil e das entradas das religiões e suas fundações, de 1784*²³.

Haveria ainda manuscritos inéditos do autor²⁴:

- *Oração Fúnebre nas exéquias à memória do bispo de Areopoli D. João de Seixas, celebradas no mosteiro do Rio de Janeiro, em 1758.*
- *Oração fúnebre por ocasião de dar-se à sepultura o corpo do governador, capitão general, Gomes Freire de Andrada, no convento do Desterro, em 2 de janeiro de 1763.*
- *Oração fúnebre nas exéquias do governador, capitão general, Gomes Freire de Andrada, celebradas pelos monges beneditinos no seu convento do Rio de Janeiro.*

¹⁸ **RIHGSP**, vol. 20, 1915, p. 194-206. O manuscrito encontra-se no IHGB, Lata 41, doc. 20.

¹⁹ **RIHGSP**, vol. 20, 1915, p. 211-216.

²⁰ Publicada nos **Anais do Museu Paulista**, tomo 1, 1922, p. 3-4 da 2ª parte, como “Uma Carta de Frei Gaspar da Madre de Deus”. O manuscrito, datado de 22 de outubro de 1759 e endereçado ao Secretário Antonio de Oliveira, encontra-se na BNP, seção de manuscritos reservados, cota COD. 630, a folhas 138-139, e na seção de microfilmes, F. 22.

²¹ ALMEIDA, M. Lopes. “Uma Carta de Frei Gaspar da Madre de Deus”. Coimbra: Coimbra Editora, 1952, p. 1 a 31. TAUNAY, Afonso d’Escragnolle, “Ensaio da História Paulistana”. In: **Anais do Museu Paulista**, tomo X, 1941, p. 85-108. **RIHGSP**, vol. 36, 1939, p. 20-26. O manuscrito original encontra-se na BNP, Coleção Pombalina 643, folhas 340 a 347.

²² **Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo**, 1915, tomo 44, p. 27-75. O manuscrito encontra-se no IHGB, Lata 1 – Doc. 13, n. 6.

²³ **RIHGB**, vol. 2, p. 439-458; publicadas como apêndice das 3ª, 4ª e 5ª edições das Memórias, 1920, 1953 e 1975, respectivamente. Há um manuscrito no IHGB, Lata 23, Doc. 23, e outro no Arquivo do Mosteiro de São Bento, de São Paulo.

²⁴ Os seis primeiros textos relacionados abaixo são indicados como manuscritos de Frei Gaspar da Madre de Deus, no **Dicionário de Autores no Brasil Colonial**, de Almeida, 2003, p. 266, sem que se procedesse à sua localização.

- *Oração panegírica do nascimento do Infante D. José, Príncipe da Beira, recitado no convento do Rio de Janeiro a 7 de Março de 1762 nas festas solenes.*
- *Sermão nas festas do casamento da Senhora Princesa, mãe do Príncipe da Beira, pregado na Sé do Rio de Janeiro.*
- *Relação do Mosteiro de Nossa Senhora do Monserrate do Rio de Janeiro, compreendendo as casas, residências, número dos sacerdotes, coristas e donatos, e suas respectivas rendas, feita por ordem do governo português e ao mesmo governo dirigida em 15 de outubro de 1764.*
- *Philosophia platonica seu Cursus Philosophicus rationalem, naturalem et transnaturalem, philosophiam, sive logicam, physicam et metaphysicam completens*²⁵, lições de filosofia ministradas no Rio de Janeiro, em 1748.
- *Dissertação sobre as Capitanias de Santo Amaro e São Vicente*²⁶, de 1780.

Reputam-se perdidos, além do terceiro livro das *Memórias*, como exposto anteriormente, o *Extrato Genealógico de Numerosos Sermões*.

Depois da morte de Frei Gaspar, alguns de seus escritos foram para o arquivo do Mosteiro de São Bento em São Paulo, mas a grande maioria, conforme Taunay (1925, p. 184), dirigiu-se à biblioteca de José Arouche.

Segundo Rodrigues (1979, p. 145-146), as *Notícias dos anos em que se descobriu o Brasil* é a obra de Frei Gaspar que teve maior contestação, pelo fato de dar a informação de que fora João Ramalho, e não Cristóvão Colombo, o primeiro europeu a pisar na América:

Pela leitura do testamento de João Ramalho, do qual dizia possuir uma cópia, se podia deduzir que este contava 90 anos em 1580, seguindo-se que entrara no Brasil em 1490. Consequentemente, somente depois de habitar João Ramalho dez anos no Brasil, Pedro Álvares Cabral descobriria Porto Seguro.

²⁵ Foram publicados apenas o título, o próêmio e o índice por Carlos Lopes de Matos, na **Revista Brasileira de Filosofia**, n. 85, janeiro de 1972. A descoberta desse manuscrito se deve a Wolfgang Kretz, subsecretário da biblioteca do Mosteiro de São Bento em São Paulo, e a Bonifácio Jansen, bibliotecário do Mosteiro, segundo afirma Taunay (1941, p. 89-90). Foram publicados comentários sobre essa obra, com o título “Um inédito de Frei Gaspar”, por Afonso Taunay, na **Revista do IHGSP**, vol. 36, p. 7-19. O manuscrito encontra-se no Arquivo do Mosteiro de São Bento, de São Paulo.

²⁶ Esse manuscrito encontra-se na BNP, na seção de manuscritos reservados, cota COD. 11107, e na seção de microfilmes, F.R.1284.

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

Essa afirmação suscitou o ataque de Cândido Mendes, em 1876, em um artigo publicado pela RIHGB²⁷. Segundo ele, a informação era falsa e o testamento de João Ramalho apresentado por Frei Gaspar fora forjado pelo beneditino.

A questão da veracidade do testamento foi esclarecida somente em 1904, por Washington Luís Pereira de Sousa, ao descobrir o documento e publicá-lo²⁸, concluindo que:

O testamento de João Ramalho existiu pois. A interpretação que se lhe deu é que foi falsa. Enquanto Frei Gaspar nele leu alguns noventa anos, o sobrinho de João Teixeira de Carvalho leu alguns setenta anos. A grafia tosca do tabelião permitia, sem dúvida, as duas traduções.

Frei Gaspar também foi acusado por Cândido Mendes, em 1878, e por Moreira de Azevedo, em 1887, de ter forjado a aclamação de Amador Bueno da Ribeira como rei dos paulistas.

Taunay (1953) ressalta que as acusações de Moreira de Azevedo são fundamentadas em um desencontro de informações, já que o que Frei Gaspar declara achar-se na folha 125 do arquivo da Câmara de São Vicente, ele mandou procurar na folha 125 de determinado livro do arquivo da Câmara de São Paulo. Taunay (1953, p. 21) ainda acrescenta que teve “o prazer de publicar o documento em questão, cujo original se acha no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. É *ipsis verbis* o que Frei Gaspar transcreveu”.

Em relação ao seu estilo, Moisés (2001, p. 171-172) destaca características que aproximam Frei Gaspar do conceito moderno de historiógrafo, como, por exemplo, a interpretação rigorosa dos fatos.

Frei Gaspar da Madre de Deus dedicou toda sua vida aos estudos históricos sobre sua terra natal, a Capitania de São Vicente, sendo considerado um dos maiores historiadores da Capitania, de acordo com Porchat (1993, p. 52). Tendo ocupado diversos cargos na Ordem beneditina, inclusive o de cronista-mor, e mantendo contato com o movimento academicista da época, produziu uma obra de prestígio e reconhecimento, dentre a qual se destacam as *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*.

²⁷ Cf. Cândido Mendes de Almeida, “João Ramalho, o bacharel de Cananéia, precedeu Colombo na descoberta da América?”, **RIHGB**, vol. 40, parte segunda, 1877, p. 277-364.

²⁸ Cf. Washington Luís, “O testamento de João Ramalho”, **RIHGSP**, vol. 9, 1904, p. 563-569.

1.1.3. Manuel Cardoso de Abreu (1750-1804)

Biografia

Manuel Cardoso de Abreu nasceu em 1750, na freguesia de Ararituaba, atual Porto Feliz (interior do Estado de São Paulo), povoação então pertencente a Itu, conhecida como a vila das monções, pois de lá partiam as expedições fluviais que desciam o rio Tietê em direção a Cuiabá, no Mato Grosso. Primogênito dos dez filhos do português Domingos da Rocha de Abreu, natural de São Martinho do Outeiro, em Braga, que veio para São Paulo na primeira metade do século XVIII, estabelecendo-se posteriormente em Ararituaba, onde era considerado um dos cinco homens mais abastados, e da paulista Francisca Cardoso de Siqueira, Manuel Cardoso, auxiliando o pai nos negócios para Cuiabá, tomou parte nas monções desde muito jovem, o que fez de 1765 a 1773, como relata em sua crônica *Divertimento Admirável*, de 1783.

Seus estudos foram feitos em São Paulo, onde recebeu instrução limitada, já que, segundo ele próprio confessa, não havia, como em Portugal, educação de boa qualidade:

[...] nem na freguesia de Ararituaba, de onde sou natural, nem nos sertões que pisei, que a minha obra refere, haviam escolas em que me pudesse instruir na ciência e melhor letra; [...] (ABREU, [1783] 1977, p. 59-60)

Depois de trabalhar nas monções por oito anos, passou a dedicar-se, conforme salienta Bruno (1977, p. 57), ao comércio de tropas de muares, que eram trazidas dos Campos de Curitiba para serem vendidas na Feira de Sorocaba. Em 1774, foi nomeado guarda-mor das jazidas de minérios da vila de Nossa Senhora dos Prazeres de Itapetininga (SP) pelo então governador de São Paulo, o general Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão. Dois anos depois, em 1776, devido à sua prática de longas viagens pelo sertão, foi nomeado comandante de uma expedição encarregada de abastecer com mantimentos, munições e pagamento às tropas da guarnição o presídio de Iguatemi:

A distância que tem da barra do Rio Pardo para baixo até a barra do rio Iguatemi é de cinco dias de viagem, que tanto gastei no ano de 1776, quando fui ao mesmo presídio levar socorro e pagamento às tropas da sua guarnição, de mandado do Exmo. Martim Lopes Lobo e Saldanha, que então era general em São Paulo. (ABREU, [1783] 1977, p. 79)

Em 4 de abril de 1777, devido ao bom resultado de sua missão no Iguatemi e por ocasião da marcha dos 6.000 homens, foi investido no cargo de feitor

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

comissário do provimento das tropas que se organizaram em São Paulo para a defesa do Rio Grande do Sul, ameaçado de invasão pelas tropas castelhanas comandadas por D. Pedro Ceballos, em virtude da guerra entre Portugal e Espanha:

Das particularidades das povoações da capitania também muito conto porque tenho verdadeiro conhecimento delas, como nacional do país, e com especialidade das que se compreendem na estrada de Viamão, porque no ano de 1777 fui por elas, mandado do Exmo. Martim Lopes Lobo de Saldanha, aprontar e pagar mantimentos, gado e cavalgaduras para o transporte de 6.000 homens que foram de Minas Gerais para a Capitania de São Paulo em socorro do exército do Sul, na ocasião em que tomaram os espanhóis a ilha de Santa Catarina; (...) (ABREU, [1783] 1977, p. 87)

Desempenhada com êxito sua missão no sul do Brasil, Manuel Cardoso de Abreu voltou a exercer a função de tropeiro, comercializando com rebanhos de gado e tropas de muares que trazia do sul para vender no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Sob a acusação de desvio de diamantes, foi preso em 1779 na cadeia de São Paulo, conseguindo, através da revisão do processo na Relação do Rio de Janeiro, provar erro judiciário e, em 1785, sua inocência, além de conseguir do seu delator, Lourenço dos Reis Galvão, uma indenização por perdas e danos. Para Taunay (1925, p. 168), essa informação é representativa do caráter de Manuel Cardoso:

Homem muito inteligente, mas consumado velhaco, que estivera quatro anos preso sob a inculpação de contrabandista de diamantes, havendo no entanto conseguido que a Relação do Rio de Janeiro o inocentasse. Devorado de ambição, havendo obtido medfocre cargo burocrático, vivia a importunar os ministros portugueses com múltiplos pedidos de promoção.

Em princípios de 1784, regressando a São Paulo, sem recursos financeiros depois de sua prisão, aceitou o cargo de enfermeiro do Hospital Militar. Em março do mesmo ano, moveu um processo por injúria e calúnia contra o capitão-mor de Sorocaba, Cláudio de Madureira Calheiros, mas perdeu a causa²⁹.

Manteve-se solteiro até os 35 anos de idade, quando se casou, no dia 2 de dezembro de 1786, com Escolástica Maria Joaquina de Oliveira³⁰, com quem teve duas filhas, Maria e Francisca.

Em 1789, passou a ocupar o cargo de escriturário da Secretaria do Governo de São Paulo. Em 1792, foi promovido a oficial maior, cargo que desempenhou até o

²⁹ A esse respeito cf. **Anais do Museu Paulista**, tomo 2, 1925, p. 206-207.

³⁰ Cf. o livro de “Registros de Casamentos de Brancos e Livres (1782-1794) da Sé de São Paulo”, cota 01-02-16, fôlio 108 verso, depositado no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

seu falecimento em São Paulo, a 14 de julho de 1804, com 54 anos de idade, vítima de congestão cerebral³¹.

Bibliografia

Manuel Cardoso de Abreu escreveu o texto intitulado *Divertimento Admirável: para os historiadores observarem as máquinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das Minas de Cuiabá e Mato Grosso*, em 1783, enquanto esteve preso no Rio de Janeiro, e dedicou-a a Martinho de Mello Castro, então Secretário de Estado da Marinha e dos Domínios Ultramarinos. Eduardo Prado, encontrando em Lisboa o manuscrito original dessa obra, mandou-o copiar e ofereceu tal cópia ao IHGSP, em 1899³². Sua primeira publicação saiu em 1902, no volume 6 da RIHGSP, páginas 253 a 293. Mais tarde, em 1914, na RIHGB, volume 77 (parte segunda), páginas 125-156, sem declaração de procedência, e, em 1977, na coletânea de artigos sobre São Paulo colonial, *Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial: 1751-1804*, com introdução e notas de Ernani Silva Bruno, páginas 53 a 87.

Esse texto, considerado documento geográfico de interesse, relativo às viagens fluviais no século XVIII, é um registro das observações feitas por Manuel Cardoso de Abreu em suas viagens como sertanista às minas de Cuiabá e Mato Grosso, em que descreve a exuberância da fauna e da flora às margens do Tietê, as populações ribeirinhas, além dos perigos encontrados durante o percurso. O motivo que o levou a escrever tal texto foi

[...] satisfazer o desejo destes curiosos com as notícias de um dilatado sertão, como é o da navegação das minas do Cuiabá e Mato Grosso, declarando todas as diversidades dos efeitos que nele encontraram, como são a produção das frutas, a criação das aves, animais quadrúpedes, os nomes dos rios da navegação, as nações dos gentios que habitam na sua extensão e, finalmente, tudo o mais que pode compreender a curiosidade das suas notícias, [...] (ABREU, [1783] 1977, p. 61)

Segundo Taunay (1924, p. 73), o *Divertimento Admirável* representa um dos primeiros relatos cronológicos da cidade paulistana e Manuel Cardoso de Abreu, com essa obra, o precursor dos guias da cidade de São Paulo no século XVIII, ou, como declara Bruno (1977, p. 9), “o repórter e o fotógrafo de uma vasta região,

³¹ Cf. o livro de “Registros de Óbitos (1802-1810) da Sé de São Paulo”, cota 02-02-25, fólio 78 recto, depositado no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

³² Não se sabe, até o momento, onde se encontra o manuscrito original do *Divertimento Admirável*, mas há dois apógrafos no IHGB, DL 50.2 (incompleto) e DL 50.3 (completo).

- Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

preocupado com o registro daquilo que observara em suas andanças, sem se descuidar das minúcias significativas”.

Além do *Divertimento Admirável*, única obra publicada de Manuel Cardoso, o oficial maior escreveu o manuscrito *Memória Histórica da Capitania de São Paulo e Todos os seus Memoráveis Sucessos desde o ano de 1531 até o presente de 1796*. Essa obra, dedicada a Luís Pinto de Souza Coutinho, capitão-general em Mato Grosso entre 1769 e 1772, e elevado a visconde de Balsemão em 1801, que Manuel Cardoso de Abreu conheceu em Cuiabá, narra a história da Capitania de São Paulo, antes Capitania de São Vicente, com o objetivo de reabilitar o valor dos paulistas e defender a honra de São Paulo, segundo está exposto na introdução da obra.

O manuscrito dessa obra, de acordo com Taunay (1943, p. 52), foi dado de presente por Manuel Cardoso ao visconde de Balsemão, que o anexou à sua biblioteca em Lisboa. Devido à morte do visconde em 1804, sua antiga biblioteca se dispersou e a *Memória Histórica* foi comprada pelo barão de Rosário, João José do Rosário, que lhe deu uma encadernação e a incorporou à sua biblioteca no Brasil. Em 1915, depois da morte do barão, o manuscrito foi adquirido, por ordem de Altino Arantes, então secretário do Interior, para o Arquivo do Estado de São Paulo (TAUNAY, 1925, p. 229), onde se encontra até hoje, sob a cota E11571. A obra permaneceu em versão manuscrita até o ano de 2007, quando apresentamos sua edição semidiplomática em nossa dissertação de mestrado, defendida na Universidade de São Paulo³³.

Capistrano de Abreu foi o primeiro a dar a notícia de que a *Memória Histórica* seria um plágio das obras de Frei Gaspar da Madre de Deus e de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, em carta a Pandiá Calógeras, datada de 25 de outubro de 1916³⁴. No entanto, foi Afonso d’Escragnolle Taunay que empreendeu uma investigação apurada da biografia de Manuel Cardoso, levando a cabo uma “campanha” em favor da “honra intelectual” dos historiadores paulistas.

Confrontando a *Memória Histórica* de Manuel Cardoso com as obras de Frei Gaspar e de Pedro Taques, Taunay (1923) chegou à conclusão de que a obra era

³³ Cf. COSTA (2007). Sete anos depois, a dissertação foi publicada pelo Arquivo do Estado de São Paulo (COSTA, 2014).

³⁴ Cf. RODRIGUES, José Honório (Org.). **Correspondência de Capistrano de Abreu**. Vol. 1. Rio de Janeiro: MEC/Instituto Nacional do Livro, 1954, p. 400.

realmente uma cópia das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, do frei beneditino, e de trechos da *História da Capitania de São Vicente*, da *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo* e da *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, de Pedro Taques. Conforme Taunay (1925, p. 223), o único parágrafo original seria uma reprodução de vários tópicos de seu *Divertimento Admirável*, quando enumera as igrejas e capelas de São Paulo. No entanto, Rodrigues (1979, p. 154) diz que também são originais os tópicos referentes “à paz de Holanda, à fundação da Colônia do Sacramento, aos descobrimentos das minas e à fundação da ouvidoria de São Paulo”.

Manuel Cardoso de Abreu também é considerado o autor do texto *Continuação das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus*, publicado em 1861 na RIHGB, no volume 24, páginas 539 a 616. Esse texto gerou grande polêmica porque havia muito tempo que se cogitava encontrar o terceiro livro das *Memórias* de Frei Gaspar, prometido no final do segundo livro e reputado perdido. Entretanto, o historiador Afonso Taunay (1925, p. 173) verificou que o texto, oferecido ao Instituto pelo brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, não era de Frei Gaspar e constituía-se da reunião de trechos da *História da Capitania de São Vicente*, de Pedro Taques, e da “transcrição de diversos documentos do arquivo da Câmara de São Paulo e uma lista de ouvidores de São Paulo, vários dos quais posteriores ao falecimento de frei Gaspar”, fato que não foi levado em conta pela redação da Revista.

Alfredo de Toledo, no dia 25 de maio de 1916, publicou um artigo no jornal *Diário Popular*, intitulado “Um problema bibliográfico”³⁵, no qual declarou que tal *Continuação das Memórias* não passava de uma cópia das 44 últimas folhas da *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, de Manuel Cardoso, com a diferença de que a *Memória* apresenta uma lista dos 19 primeiros ouvidores de São Paulo, enquanto a *Continuação* refere os nomes de 24. Considera-se que esse acréscimo de ouvidores à lista, que vai até os anos da Independência, foi feito por uma outra pessoa, um anônimo, porque, segundo Toledo, é bem posterior ao falecimento de Manuel Cardoso, “tanto que à [lista] dos primeiros ouvidores se acrescentou, entre outros, o nome de João de Medeiros Gomes, cuja posse data de 1823”. Terminada a lista de ouvidores, o texto traz o subtítulo “Notícias sobre a vinda dos primeiros governadores até o presente capitão general”, que na *Memória Histórica*

³⁵ Cf. TOLEDO, Alfredo de. “Um problema bibliográfico”. In: **Diário Popular**. São Paulo, 25 de maio de 1916.

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

intitula-se “Mostra-se a vinda do primeiro governo e os mais subsequentes até o presente capitão general da capitania”, onde o autor declara ser oficial maior da secretaria do governo: “Não descrevi nada a respeito dos três generais primeiros antes do referido Rodrigo César porque nesta secretaria de São Paulo (onde sirvo de oficial-maior dela) não existem os livros de seus governos”³⁶, fato que levantou em Taunay a suspeita de que o texto era apócrifo.

Rodrigues (1979, p. 155) salienta que Sílvio Romero já havia denunciado que a *Continuação das Memórias* não era obra de Frei Gaspar, mas tinha por certo que o texto verdadeiro estivesse na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, devido à indicação, no “Catálogo da Exposição de História do Brasil” presente nos *Anais da Biblioteca Nacional*³⁷, abaixo da referência à edição *princeps* das *Memórias*, de que haveria ainda no arquivo da BN um manuscrito de 134 fólios com letra do século XVIII,

[...] a esta indicação levou Sílvio Romero a declarar que encontrada fora a ‘continuação’ autêntica, ardentemente procurada, o terceiro livro das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente* [...] sem que, contudo, haja cotejado o manuscrito com algum impresso da obra do cronista vicentino.

O manuscrito da Biblioteca Nacional pertenceu à coleção dos marqueses de Castelo Melhor, em cujo catálogo está mencionado sob o número 162 como *inedito e autógrafo* (TAUNAY, 1925, p. 185-186).

Taunay (1954b, p. 48) credita ainda a Manuel Cardoso uma cópia de trechos da *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, de Pedro Taques, para a constituição de um volumoso códice referente à genealogia paulista, que foi localizado em Londres por Eduardo Prado,

[...] que leu um anúncio da venda [...] de um manuscrito sobre esta matéria, obra de Manoel Cardoso de Abreu, e, procurando comunicar-se com a capital inglesa para efetuar a compra daquela preciosidade histórica, teve o desprazer de verificar que já tinha ela sido adquirida por pessoa desconhecida. (PIZA, 1902, p. 292)

³⁶ Cf. *Continuação das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus*. **RIHGB**, 1861, vol. 24, p. 582. Há na BN do Rio de Janeiro um manuscrito que traz o título *Continuação das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus*, anexo ao livro das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, cota 09, 3, 008, mas a matéria é totalmente diferente da que foi publicada na Revista do Instituto. O manuscrito que realmente traz a matéria da *Continuação* encontra-se no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cota DL 167.4.

³⁷ Cf. *Catálogo da Exposição de História do Brasil*. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Vol. 9. RJ: Tipografia de G. Leuzinger & Filhos, 1881, p. 471.

Somando-se às outras duas acusações de cópia a informação de que, ao casar-se com Escolástica de Oliveira, declarou ao vigário que desconhecia os apelidos de seus avós maternos³⁸, Taunay (1925, p. 230) concluiu que é plausível suspeitar que essa genealogia de Manuel Cardoso seria um novo caso de apropriação textual.

Manuel Cardoso de Abreu ocupou cargos na Capitania de São Paulo que não tinham nenhuma relação direta com a prática da pesquisa e escrita historiográfica e tampouco era um estudioso da história da sua terra ou compartilhou com Pedro Taques e Frei Gaspar o mesmo nível de cultura, apesar disso escreveu um texto de relevância para o conhecimento da história colonial brasileira, fruto de suas expedições fluviais em direção às minas de Cuiabá e Mato Grosso, o *Divertimento Admirável*.

No início do século XX, outra obra foi encontrada com a sua firma, a *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, manuscrito que foi identificado por Capistrano de Abreu e Afonso Taunay como um plágio das obras de Frei Gaspar e de Pedro Taques. Essa discussão em torno do plágio acabou por condicionar as considerações a respeito desse texto a esse tema, uma vez que classificar a *Memória Histórica* simplesmente como plágio é deixar de perceber nela outros sentidos, como, por exemplo, o seu processo de cópia e de intervenção de suas fontes.

A partir das considerações biográficas e bibliográficas de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, Frei Gaspar da Madre de Deus e Manuel Cardoso de Abreu levantadas aqui, foi possível estabelecer uma reflexão sobre a época em que viveram, a relação que mantinham entre si e em sociedade e o seu nível de cultura, de modo que se compreendam os processos de modificação das fontes na elaboração da *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*.

Em relação a Pedro Taques e Frei Gaspar, evidenciou-se que, muito mais pelos interesses históricos que compartilhavam, do que por serem parentes, mantiveram assídua comunicação, tinham elevada cultura, preocuparam-se com a pesquisa histórica, dedicaram suas vidas ao ofício de historiador e ocuparam cargos de destaque na sociedade em que viveram. Pedro Taques enfrentou problemas financeiros e jurídicos, escreveu obras extensas, das quais muitas foram perdidas, e teve sérios problemas de saúde, que o impossibilitaram de escrever de próprio

³⁸ Cf. o livro de “Registros de Casamentos de Brancos e Livres (1782-1794) da Sé de São Paulo”, cota 01-02-16, fólio 108 verso, depositado no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

- Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

punho seus textos. Frei Gaspar ocupou cargos de destaque na ordem dos beneditinos, da qual fazia parte, esteve ligado às academias de história no Brasil e em Portugal, como a Academia Brasileira do Renascidos, a Academia Real de História e a Academia Real de Ciências de Lisboa, e trabalhou intensamente até avançada idade. Manuel Cardoso de Abreu possuía instrução limitada, trabalhou desde menino nas monções, que partiam de sua cidade natal em direção a Cuiabá, e, ao longo de sua vida, desempenhou diversos ofícios, como tropeiro, guarda-mor, feitor, enfermeiro, escriturário e oficial, foi preso pela acusação de desviar diamantes, esteve envolvido em um processo contra um capitão-mor, escreveu um relato das suas viagens ao sertão da capitania e não teve nenhum contato direto com Pedro Taques ou Frei Gaspar.

1.2. DESCRIÇÃO DOS TESTEMUNHOS³⁹

Trazer à tona um texto como a *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, que se configura como um problema autoral na historiografia brasileira, não pode limitar-se em recuperar a discussão sobre o plágio, mas analisar qual foi o processo de cópia e de intervenção de Manuel Cardoso de Abreu sobre suas fontes.

O desenvolvimento de uma argumentação que avalie as alterações inseridas em cada testemunho deve levar em conta um estudo aprofundado de todos os textos relacionados com a *Memória Histórica*. Desta forma, a análise filológica que orienta este trabalho justifica uma descrição objetiva, sistemática e abrangente de todos os testemunhos envolvidos em tal questão.

O manuscrito da *Memória Histórica* data de 1796, um ano antes da publicação das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, de Frei Gaspar da Madre de Deus, e muito tempo depois da composição de *História da Capitania de São Vicente*, *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo* e *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, dado que nenhuma obra deste autor foi publicada em vida. Essas informações tornam evidente que, ainda que não se saiba quais teriam sido exatamente os testemunhos que serviram de fonte para a composição de seu texto, Manuel Cardoso recorreu aos manuscritos e não aos impressos de seus contemporâneos. Ainda assim, serão fornecidos neste capítulo todos os testemunhos

³⁹ O termo testemunho corresponde a cada exemplar, manuscrito ou impresso, de um texto (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 19).

das tradições manuscrita e impressa das obras que estão envolvidas nesse caso de apropriação textual, a saber:

De Pedro Taques de Almeida Paes Leme:

- *História da Capitania de São Vicente.*
- *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas.*
- *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica.*

De Frei Gaspar da Madre de Deus:

- *Memórias para a História da Capitania de São Vicente.*

De Manuel Cardoso de Abreu:

- *Divertimento Admirável.*
- *Memória Histórica da Capitania de São Paulo.*

No caso dos manuscritos, a descrição a seguir partirá de um breve resumo dos textos, a que se seguirá uma sistematização dos testemunhos (cidade, sigla da instituição em que está depositado, cota) e a descrição material de cada um (localização, cota, título, datação, se é autógrafo ou apógrafo, história, formato, tinta, suporte, marcas d'água, encadernação, conservação etc.); em relação aos impressos, serão consideradas a sistematização das edições (número da edição e ano), a ficha catalográfica e a descrição bibliográfica (número e ano da edição, responsável pela publicação, título, número de páginas etc.).

1.2.1. Manuscritos

História da Capitania de São Vicente, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme

Terminada em 03 de janeiro de 1772, essa obra foi feita de encomenda por João de Faro e também dedicada a ele, como forma de defender os direitos de seu sobrinho, o Conde de Vimieiro, à posse da Capitania, disputada pelo Conde de Monsanto.

A obra trata da história da Capitania de São Vicente através da sua doação a Martim Afonso de Sousa e Pero Lopes, dos seus donatários, da posse ao Conde de Monsanto, da posse ao Conde da Ilha do Príncipe, da incorporação de São Vicente à Coroa e da descrição das cidades e vilas da capitania.

- Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

Rio de Janeiro, IHGB, Cota DL 975.10 (completo)

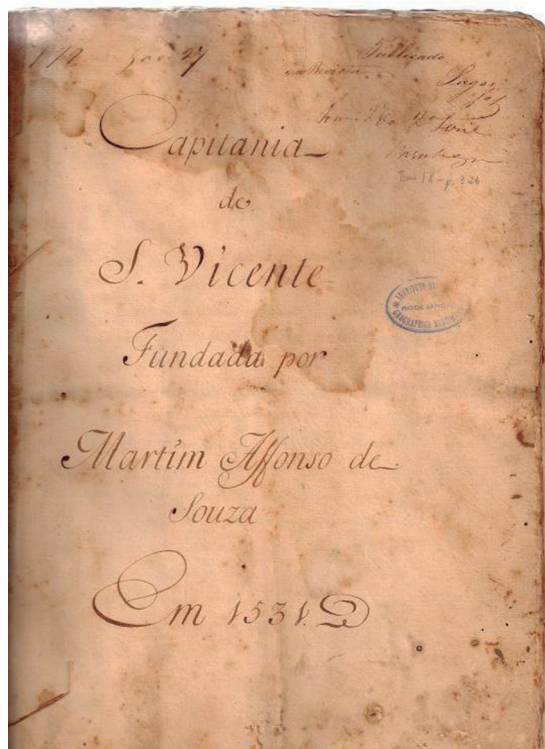


Figura 1. COSTA, Renata Ferreira. Fac-símile do primeiro fôlio do manuscrito de cota DL 975.10.

O manuscrito DL 975.10, do IHGB, intitulado *Capitania de São Vicente Fundada por Martim Affonso de Souza em 1531 anos*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, é um apógrafo de meados do século XIX, que serviu de modelo para a versão impressa da obra, publicada em 1847 na Revista do Instituto. Um outro manuscrito apógrafo da mesma obra foi achado por Manoel de Araújo Porto-Alegre, em péssimo estado de conservação, que o copiou e comunicou tal fato a Paulino José Soares de Sousa, Visconde de Uruguai, que o ofereceu ao Instituto em 1845.

Compondo-se de 180 fôlios, numerados no recto e no verso a partir do segundo fôlio, o manuscrito, escrito com tinta castanha ferrogálica, está em bom estado de conservação, apresentando apenas pequenas marcas de papirófagos e algumas manchas de umidade. No primeiro fôlio encontra-se o título da obra – *Capitania de S. Vicente Fundada por Martim Affonso de Souza em 1531 anos*, em tinta castanha, e acima as inscrições: “179 – Gav. 27. Publicado na Revista. Lagos, 103, Tomo 2º da 2ª Série”, à tinta, e “tomo IX, p. 326”, a lápis.

As folhas são de papel de trapo e medem 31 x 21 cm, apresentando 9 pontusais dispostos verticalmente na folha, medindo 2,3 cm entre si, vergaturas horizontais de 1mm e uma marca d'água representada por um galo cantando com uma perna levantada.

Há vestígios de uma encadernação, mas a capa não existe mais, apenas a tranchefila e os fios que ligam os cadernos. O conjunto fica guardado dentro de duas pastas: a primeira de cartão cinza, com um carimbo do Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de 2,2 x 3,1 cm, a que se segue a cota “DL 975.10”, a lápis azul; a segunda pasta, de folha branca fina com o mesmo carimbo e a inscrição “DL 36.8”. Entre a pasta branca e a primeira folha do manuscrito, há um cartão de 9,2 x 14 cm, sobre o qual se encontra colado um pedaço de folha bege, manuscrita com a inscrição “Capitania de São Vicente fundada por Martim Afonso deSouza em 1531, memoria escrita por Pedro Taques de Almeida Paes Leme. Arch. Lata 11 n. 709⁸. Mem. N. 922”, à tinta castanha, e “F. 90. Lata 36 – Doc. 8”, a lápis. Há também um carimbo oval do IHGB de 2,2 x 3,1 cm.

Rio de Janeiro, IHGB, Cota DL 975.20 (fragmento)

O manuscrito sob a cota DL 975.20, do IHGB, é uma cópia fragmentária da *História da Capitania de São Vicente*, de Pedro Taques.

Escrito com punho diferente do manuscrito DL 975.10, em letra do século XVIII, não apresenta título, apenas as seguintes informações à tinta castanha, em letra do século XIX, na primeira folha: “Parte do original da Historia da Capitania de São Vicente, por Pedro Taques – (Impresso). Contém desde a pag. 317 do Tom. 9º (2º da 2ª Série) da Revista, até 328 e de 445 a 476 com a mesma data de 3 de janeiro de 1772”. Há a indicação de que essa inscrição foi feita por Francisco Adolfo de Varnhagen e de que o manuscrito DL 975.20 é cópia do DL 975.10, a partir da página 107⁴⁰.

Composto de 8 fólhos numerados a lápis apenas no lado recto, o manuscrito, escrito em papel de trapo espesso, de coloração bege escura, com tinta castanha corrosiva, está em regular estado de conservação, apresentando muitas marcas de papirófagos, principalmente em volta das folhas e também no centro dos últimos fólhos, onde houve perda de informação, além de manchas provocadas por umidade e por excesso de tinta.

O primeiro fólho possui 31,5 x 21,5 cm, com sete pontusais de 2,5 cm entre si, dispostos verticalmente, vergaturas horizontais de 1 mm e uma marca d'água Giorgio

⁴⁰ As letras dos manuscritos divergem de tal informação, uma vez que a letra do ms. DL 975.10 se aproxima mais do século XIX, enquanto a do ms. DL 975.20, do século XVIII.

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

Magnani, correspondente a um brasão com uma águia coroada no centro, enquanto os demais fólhos medem 34,2 x 22 cm e possuem oito pontusais verticais de 2,5 cm entre si e duas marcas d'água de difícil identificação, por causa da espessura do papel e também da marca escura na mancha do texto provocada pela tinta.

O manuscrito não está encadernado e nem há vestígios de uma encadernação anterior. As folhas estão ligadas por um único fio central, mas há indícios de que anteriormente estavam ligadas por dois fios laterais. O conjunto é protegido por uma pasta ocre, impressa com as seguintes inscrições: “Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Arquivo. Coleção ___ Resumo ___ Lata 975. Pasta 20”, a que se segue uma pasta de papel branco sem inscrição alguma. Entre as pastas há um cartão, que mede 8,4 x 13,5 cm, sobre o qual se encontra uma folha bege colada, com a seguinte inscrição manuscrita à tinta castanha, letra do século XIX: “Parte do original da historia da capitania de São Vicente, por Pedro Taques. Fls. 8. (1772). Arch. ~~173~~ mss. 8/9 Menor p N. 689”, e um carimbo do IHGB, medindo 2,2 x 3,1 cm.

Rio de Janeiro, BN, Cota I-30, 24, 1 (adaptação)

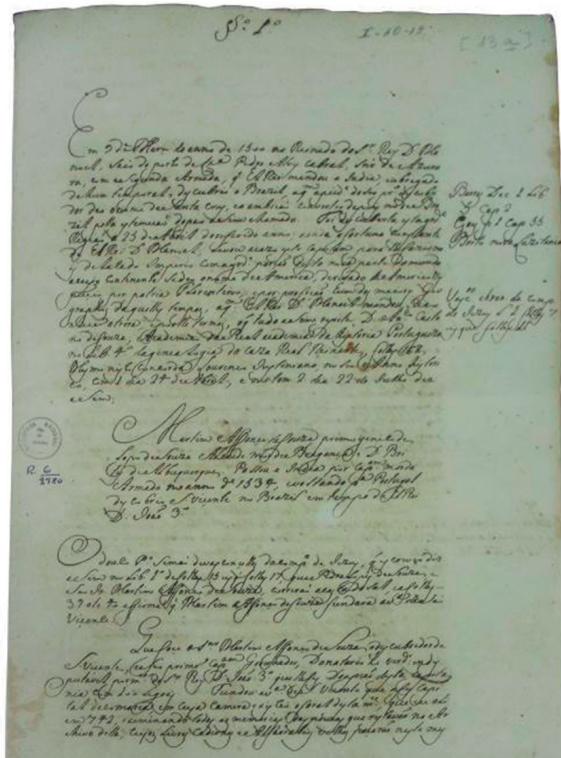


Figura 2. COSTA, Renata Ferreira. Fac-símile do primeiro fólho do manuscrito de cota I-30, 24, 1

Esse manuscrito, apesar de ser identificado como sendo a *História da Capitania de São Vicente*, de Pedro Taques, não passa de uma adaptação da obra, um texto que se utiliza de muitas de suas informações.

O manuscrito está em ótimo estado de conservação e é composto por 10 fólios, dos quais 7 são escritos em frente e verso, com exceção do último fólio, escrito somente no lado recto, e os outros 3 estão em branco. Os fólios não são numerados e estão agrupados em 5 bifólios, um dentro do outro, formando um caderno.

Escrito em letra do século XVIII, com uma tinta ferrogálica castanha, o manuscrito não traz o título da obra, tampouco o nome do autor, e já começa com o texto em andamento, com um “parágrafo 1º”. O primeiro fólio apresenta um carimbo redondo da “Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro”, de 1,7 cm de diâmetro, abaixo do qual há a inscrição “R.6/1980”, à tinta azul, e “I-10-13 [13ª]”, a lápis.

O manuscrito tem como suporte papel de trapo espesso, de boa qualidade, medindo 33,2 x 22 cm, com vergaturas horizontais de 1mm e pontusais que não aparecem na folha, e duas marcas d’água: uma ave com duas cabeças, sobre as quais há uma grande coroa e, em suas patas, dois círculos, um representando o sol e o outro uma espécie de globo, e outra marca representada pelas letras “AP”.

Não há uma encadernação e, como os fólios não estão costurados, foram acondicionados dentro de uma pasta branca de papel, com o seguinte impresso: “DIVISÃO DE REFERÊNCIA ESPECIALIZADA/SEÇÃO DE MANUSCRITOS/BIBLIOTECA NACIONAL”. Além disso, essa pasta traz a identificação do manuscrito desta forma: “I-30, 24, 1/R6/1980; Leme, Pedro Taques de Almeida Pais/História da Capitania de São Vicente desde a sua fundação por Martim Afonso de Sousa em 1531. Arraial do Pilar, 15 dez. 1753”, à caneta esferográfica azul, e “I-30, 24, 1”, a lápis.

Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme

Essa obra, de 1768, trata das disputas entre paulistas e jesuítas pelo controle da mão de obra indígena, que culminou na expulsão destes últimos do Colégio de São Paulo, em 1649.

- Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

Lisboa, ANTT, Coleção Manuscritos do Brasil, Número 48

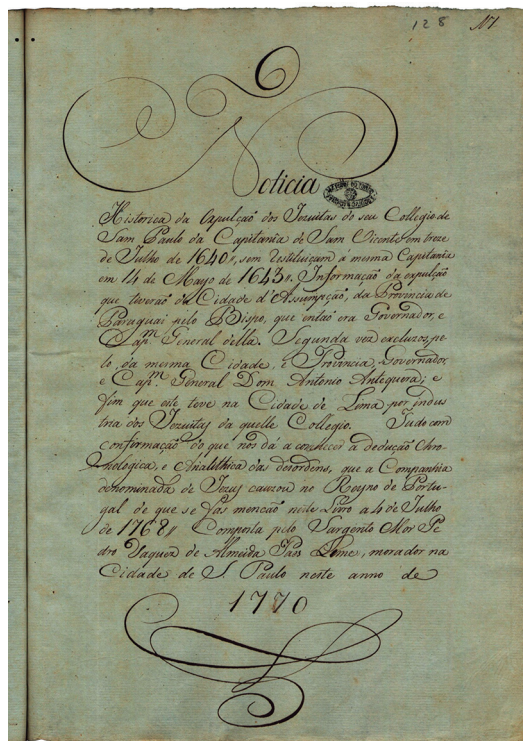


Figura 3. COSTA, Renata Ferreira. Fac-símile do primeiro fôlio do manuscrito da Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo

O manuscrito intitulado *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo da Capitania de São Vicente em treze de julho de 1649*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, pertencente ao ANTT, junta-se a outros documentos sobre o Brasil no livro n. 48 da coleção Manuscritos do Brasil, entre os fôlios 128 e 149.

Compondo-se de 54 fôlios escritos em frente e verso, com exceção do primeiro fôlio, escrito apenas na frente, e numerados a lápis no lado recto, o manuscrito constitui-se como uma cópia completa, com algumas notas inseridas pelo copista, em letra do século XVIII, mas sem indicação explícita de datação.

O suporte é em papel de trapo de coloração bege-escuro. É um papel de textura espessa e de boa qualidade, que apresenta, em média, 8 pontusais dispostos verticalmente na folha, medindo 2,6 cm entre si, e vergaturas horizontais com 1 mm. As folhas medem 31,7 x 21,7 cm, algumas estão rasgadas nas aparas e todas apresentam marcas d'água de dois tipos: a inscrição AL MASSO e um brasão acompanhado da sigla GM, de Giorgio Magnani.

O códice encontra-se em ótimo estado de conservação. Foi escrito com tinta ferrogálica castanho-escuro e apresenta algumas rasuras e emendas.

A encadernação, que está bem deteriorada, é composta de pastas de cartão cobertas por um papel decorado com desenhos floridos, medindo 32,7 x 23 cm. Ao pé da lombada, que mede 32,7 x 2,8 cm, há uma etiqueta adesiva de 2,4 x 2,1 cm com o número 48 impresso.

O interior das pastas é recoberto por fólhos de guarda de papel da mesma qualidade do utilizado na escrita dos textos, que se encontram no início e no fim do códice. A guarda inicial colada à capa traz a inscrição manuscrita a lápis “48. Manuscritos do Brasil”. As guardas finais trazem as inscrições, à tinta castanha, “Autos de Manoel Alvarez da [Neiva] Guarda Mor [de Xipetim]. Ioaõ Teixeira” e “Derame este mss. em Coimbra que o tinha o Ill^{mo} Reitor do Collegio Episcopal Vicente [Pereira] de riscado. T^e [Gregorio] Nunes Cardoso”.

Em todo códice aparece apenas um tipo de carimbo: oval, de 1,2 x 2,2 cm, do “Arquivo Nacional da Torre do Tombo”.

A partir da lombada deteriorada, é possível observar que há três nervos que ligam os dezessete cadernos do códice. Cada caderno é composto por cinco bifólios.

Rio de Janeiro, IHGB, DL 42. 17

O documento não pode ser consultado devido ao seu péssimo estado de conservação.

Na ficha catalográfica há a indicação de que o manuscrito possui 17 fólhos, o que seria muito pouco dado o volume da obra.

De acordo com Taunay ([1929], p. 21-22), o manuscrito da *Notícia Histórica* conservado no IHGB é uma cópia que foi oferecida ao Instituto em julho de 1848, por Manuel de Araújo Porto Alegre, que o havia copiado do original existente na biblioteca do Convento de São Francisco do Rio de Janeiro, embora Blake (1970, p. 71) afirme que o original encontrava-se na biblioteca do Convento de Santo Antônio, também no Rio de Janeiro.

Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme

Foi realizada uma pesquisa em arquivos e bibliotecas em São Paulo, Rio de Janeiro e Lisboa, inclusive no IHGB, em cuja revista foi realizada a primeira

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

publicação da *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, no entanto, os manuscritos não foram localizados.

Memórias para a História da Capitania de São Vicente, de Frei Gaspar da Madre de Deus

Nessa obra, Frei Gaspar celebra Martim Afonso de Sousa como um herói, põe em destaque a nobreza e o valor dos primeiros povoadores de São Vicente, cujas raízes se encontram na mistura do sangue dos mais ilustres portugueses e indígenas, como João Ramalho e Tibiriçá, descreve as expedições paulistas, que fundamentaram a expansão territorial da Capitania de São Vicente, trata da aclamação de Amador Bueno, dos limites entre as capitanias de São Vicente e de Santo Amaro e da questão judiciária entre Monsanto e Vimieiro. Seu objetivo maior é recontar a história do Brasil e, mais especificamente, da Capitania de São Vicente, sob um ponto de vista crítico, de modo a corrigir a história até então contada.

Lisboa, AC, Série Manuscrito Azul, número 1751

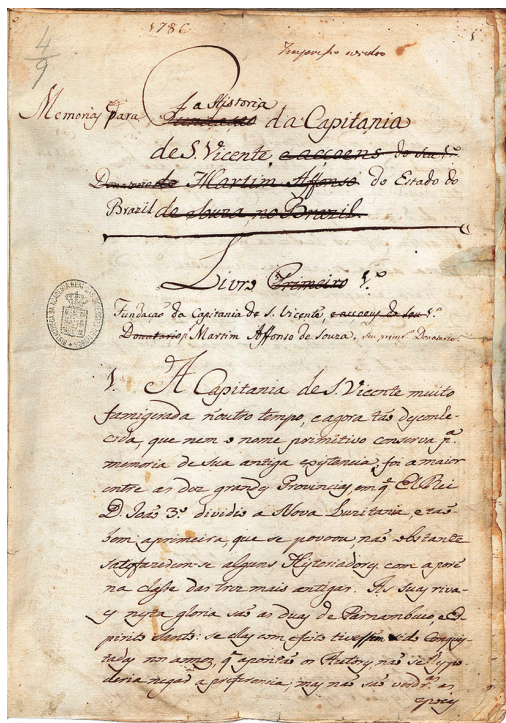


Figura 4. COSTA, Renata Ferreira. Fac-símile do primeiro fólio do manuscrito número 1751 da Série Manuscrito Azul

Segundo Taunay (1925, p. 227), “Frei Gaspar possuía diversas cópias das ‘Memórias’”, sendo que uma delas estaria em Portugal. Essa cópia, que se encontra em Lisboa, no acervo da AC, sob a cota n. 1751 da Série Azul, é o testemunho autógrafa que serviu como modelo para a versão impressa da obra *Memórias para a História da Capitania de São Vicente, hoje chamada de São Paulo do Estado do Brasil*. Tal manuscrito, provavelmente terminado em 1786, datação inscrita no primeiro fólio da obra, chegou em Lisboa em 1795, para ser impresso pela Academia de Ciências, pelas mãos de Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, amigo de Frei Gaspar.

Foram enviados os manuscritos dos dois primeiros livros da obra então intitulada *Fundação da Capitania de São Vicente e acções de Martim Affonso de Souza no Brazil*, que foi analisada pelos membros da Academia e aprovada para publicação com a condição de que fossem feitas algumas modificações formais, como a mudança do título original para *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*; o deslocamento dos parágrafos 13 e 14 para notas fora do corpo do texto; a omissão ou mudança de adjetivos como “doutissimo” e “erudito”, referentes a alguns autores, entre eles o Padre Santa Maria; a substituição do adjetivo “novatos” dado aos portugueses recém chegados ao Brasil; a substituição da palavra “bugres” ou a explicação do seu significado, porque “não hé termo geralmente adoptado na Lingua Portuguesa, e sendo talvez particular do Brazil, fará a Oração escura não sendo explicado”⁴¹, e a correção de todas as frases em que o verbo *haver impessoal* apareça no plural, como, por exemplo, “Contendas que *ouverão*” para “Contendas que *ouve*”.

As alterações deveriam ser comunicadas a Frei Gaspar para obterem sua aprovação: “O que participo a V. mce remetendo lhe o M. S. para que se digne comunicar-me a sua ultima rezolução, ou a do A. da Obra, cazo que elle haja de ser ouvido nesta materia”.⁴² No entanto, não há informações que indiquem como se deu tal comunicação, se é que ela realmente aconteceu. O que se pode afirmar é que o manuscrito original foi alterado por Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, o responsável pelo manuscrito junto à Academia de Ciências⁴³, e a obra foi publicada em 1797.

⁴¹ STOCKLER, Francisco de Borja Garção. Parecer sobre a obra de Frei Gaspar. **Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo**, São Paulo, Tipografia da Companhia Industrial de São Paulo, 1896, vol. IV, p. 25. (Parecer do vice-presidente da Academia Real de Ciência de Lisboa enviado a Diogo de Toledo Lara e Ordonhes em 23 de fevereiro de 1796). Também há trechos desse parecer no tomo 2 dos **Anais do Museu Paulista**, 1925, p. 167.

⁴² Ibidem, p. 26.

⁴³ As alterações inseridas no texto foram feitas pelo punho de Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, o que se comprovou pelo confronto da letra das alterações com a letra de seus manuscritos.

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

O códice, que está em ótimo estado de conservação, é composto por 299 fólios escritos em frente e verso, com exceção do primeiro, escrito somente no lado recto, e do último fólio, em branco. O primeiro fólio, que é o frontispício da obra, foi escrito por um punho diferente do punho do restante da obra, em uma letra provavelmente do início do século XX, com uma tinta preta de caneta tinteiro. Além do título da obra e do nome do autor, esse fólio apresenta um carimbo da Biblioteca da Academia Real das Ciências de Lisboa, com 3,0 x 2,4 cm, e a inscrição “(Publ. pela Acad^a em 1797)”. Esse e o último fólio apresentam as mesmas características em relação ao papel: coloração bege-clara, diferente da do papel que contém a obra, melhor conservado, com sete pontusais dispostos verticalmente na folha, medindo 2,8 cm entre si, vergaturas de 1 mm e duas marcas d’água: “ALMASSO” e “PRADO”.

Os fólios manuscritos por Frei Gaspar são todos numerados de 1 a 297 nos lados recto e verso. São folhas que medem 31 x 20,5 cm, compostas de um papel espesso, de boa qualidade, coloração amarelada e com manchas castanhas provocadas pela ação do tempo. Nos lugares em que houve deterioração do papel, especialmente nas aparas, houve a recuperação dos fólios por adição de polpa de papel. As folhas apresentam oito pontusais dispostos verticalmente, medindo 2,9 cm entre si, vergaturas de 1 mm e dois tipos de marca d’água: a inscrição “PORRATA” e um escudo de difícil visualização, com a sigla “GAP”.

A obra foi escrita com tinta ferrogálica, que se tornou castanha, em alguns fólios mais clara que em outros. A mancha do texto foi delimitada a lápis em alguns fólios e contém em média 28 linhas. As margens, que aparecem geralmente junto à costura do códice, medem 3,5 cm e foram delimitadas através de uma dobradura a partir das dobras.

Esse manuscrito apresenta muitas rasuras e emendas, pois, como explicitado acima, a Academia pediu que se fizessem alterações para a publicação da obra. O que se percebe é que o manuscrito das *Memórias* e as rasuras e emendas foram feitos por punhos diferentes.

Dentro do códice algumas folhas se destacam do conjunto por ter uma qualidade diferente das outras, apresentando as marcas d’água: “ALMASSO” e um brasão com uma águia no centro e a inscrição “GIOR MAGNANI”, e por sua coloração levemente esverdeada. São os fólios 167 a 174, que, além disso, apresentam punho diferente do das *Memórias*, o mesmo punho que fez as rasuras e emendas, ou seja, esses fólios foram escritos por Diogo de Toledo Lara e Ordonhes.

A encadernação do códice, posterior a sua realização, provavelmente de meados do século XX, é composta de pastas de cartão que medem 31 x 21,5 cm e são cobertas por dois tipos de papel: um papel fino e branco e sobre esse um papel

marmoreado em tons de castanho e bege. Na lombada, que mede 31 x 3,4 cm, além de uma etiqueta adesiva branca com moldura azul quase ao pé, de 2,4 x 3,0 cm, que traz a cota do códice, “1751”, há um rótulo vermelho com filetes dourados, onde se encontram o título da obra e o nome do autor em letras capitais douradas, que é um indício de que havia uma encadernação anterior, provavelmente de fins do século XIX ou início do XX, que foi substituída pela atual. É possível observar que há seis nervos que ligam os quinze cadernos do códice.

O interior das pastas é recoberto pelos mesmos papéis da capa, além das folhas de guarda. As guardas iniciais e as guardas finais constituem bifólios que, a um lado, são colocados nas pastas. São folhas muito finais, de papel pardo de má qualidade, com a marca d’água “C.SKP&C^A”. As guardas finais não possuem nenhuma inscrição, diferentemente das guardas iniciais, que trazem um carimbo com a palavra “Manuscritos”, uma etiqueta adesiva branca com moldura azul, igual à da lombada, com a cota “1751”, e as inscrições a lápis: “Origem 32” e “Já impressa”, a que se segue uma frase ilegível.

Lisboa, ANTT, Coleção Manuscritos do Brasil, número 48 (fragmento)

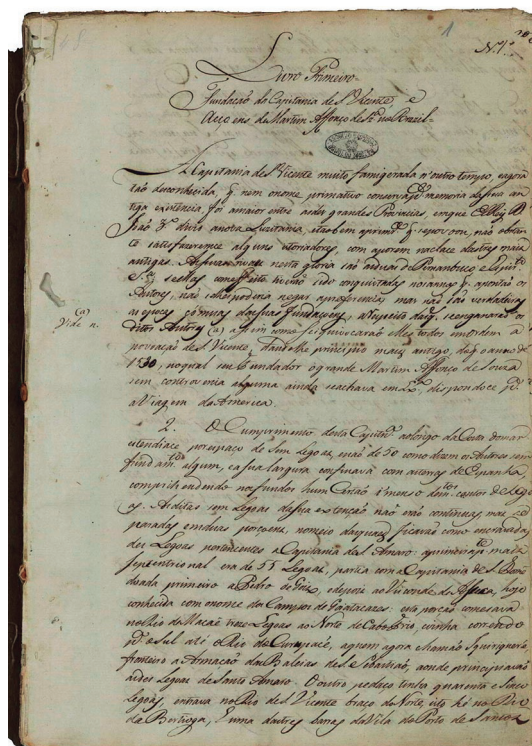


Figura 5. COSTA, Renata Ferreira. Fac-símile do primeiro fólio do manuscrito da Fundação da Capitania de S. Vicente, e acções de Martim Affonso de Souza no Brazil

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

O manuscrito intitulado *Fundação da Capitania de S. Vicente, e acções de Martim Affonso de Souza no Brazil*, de Frei Gaspar da Madre de Deus, pertencente ao ANTT, junta-se a outros documentos sobre o Brasil no livro n. 48 da coleção Manuscritos do Brasil, entre os fólhos 1 e 35.

Compondo-se de apenas 35 fólhos escritos em frente e verso, com exceção do último fólho, e numerados a lápis apenas no lado recto, o manuscrito constitui-se como uma cópia incompleta, em letra do século XVIII, mas sem indicação de datação.

O suporte é em papel de trapo de coloração bege-escuro. É um papel de textura espessa e de boa qualidade, que apresenta, em média, oito pontusais dispostos verticalmente na folha, medindo 2,6 cm entre si, e vergaturas horizontais com 1 mm. As folhas medem 31,7 x 21,7 cm e apresentam marcas d'água de dois tipos: a inscrição AL MASSO e um brasão acompanhado da sigla GM, de Giorgio Magnani.

O manuscrito encontra-se em ótimo estado de conservação, apresentando apenas pequenas marcas de papirófagos. Foi escrito com tinta ferrogálica, atualmente castanho-escuro, em uma letra bem cuidada, que no fim do manuscrito vai ficando menor e relaxada. Apresenta algumas rasuras e emendas, além de algumas inscrições tardias a lápis.

A encadernação, que está bem deteriorada, é composta de pastas de cartão cobertas por um papel decorado com desenhos floridos, medindo 32,7 x 23 cm. Ao pé da lombada, que mede 32,7 x 2,8 cm, há uma etiqueta adesiva de 2,4 x 2,1 cm com o número 48 impresso.

O interior das pastas é recoberto por fólhos de guarda de papel da mesma qualidade do utilizado na escrita dos textos, que se encontram no início e no fim do códice. A guarda inicial colada à capa traz a inscrição manuscrita a lápis “48. Manuscritos do Brasil”. As guardas finais trazem as inscrições, à tinta castanha, “Auttos deManoel Alvarez da [Neiva] Guarda Mor [deXipetim]. Ioão Teixeira” e “Derame este mss. em Coimbra que o tinha o Ill^{mo} Reitor do Collegio Episcopal Vicente [Pereira] de [riscado]. T^e [Gregorio] Nunes Cardoso”.

Em todo códice aparece apenas um tipo de carimbo: oval, de 1,2 x 2,2 cm, do “Arquivo Nacional da Torre do Tombo”.

A partir da lombada deteriorada, é possível observar que há três nervos que ligam os dezessete cadernos do códice. Cada caderno é composto por cinco bifólhos.

Rio de Janeiro, BN, Cota 09, 03, 008

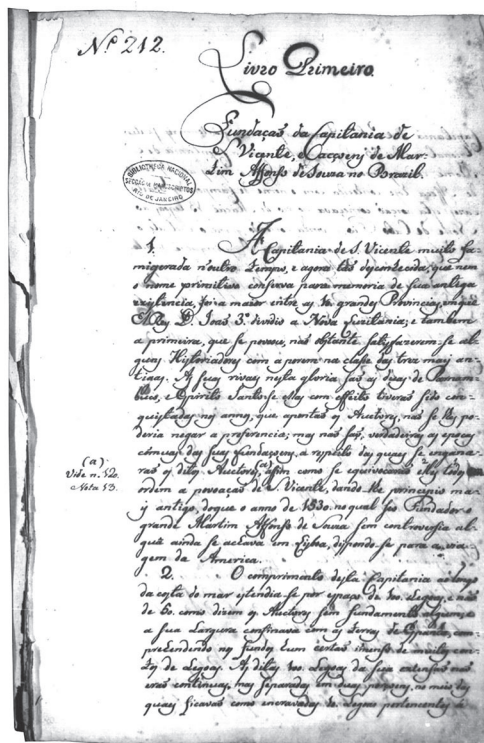


Figura 6. COSTA, Renata Ferreira. Fac-símile do primeiro fólio do manuscrito de cota 09,03,008

O códice 09, 03, 008 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, sob o título *Fundação da Capitania de São Vicente e acçoens de Martim Affonso de Souza no Brazil*, de Frei Gaspar da Madre de Deus, é um manuscrito apógrafo, em letra do século XVIII, sem indicação de datação ou de autoria⁴⁴, e que pertenceu à coleção da biblioteca dos marqueses de Castelo Melhor⁴⁵.

O manuscrito compõe-se de 270 fólhos escritos em frente e verso, com exceção do primeiro e do último. Não há numeração dos fólhos e nem reclames ou qualquer outro

⁴⁴ Embora haja no site da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro a indicação de que o manuscrito seria de 1794.

⁴⁵ O manuscrito está indicado no número 162 do **Catálogo dos preciosos manuscritos da biblioteca da casa dos Marqueses de Castelo Melhor**. Lisboa: Tipografia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1878, p. 29. Esse catálogo foi preparado para a venda pública da coleção dos marqueses, realizada no início do ano de 1879, em Lisboa. Dessa forma, infere-se que o manuscrito de Frei Gaspar foi adquirido a essa época pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

sistema que permita acompanhar a sequência do texto. A dimensão das folhas é de 33,5 x 21,6 cm. O suporte é composto de papel de trapo de coloração bege-escura, quase castanha. É um papel de textura espessa e de boa qualidade, que apresenta, em média, oito pontusais dispostos verticalmente na folha, medindo 2,6 cm entre si, e vergaturas horizontais com 1 mm. As marcas d'água são de dois tipos: somente a inscrição HCWend & Zoonen e um brasão com uma árvore no topo acompanhado da inscrição HCW & Zoonen, que identificam o papel como proveniente da Holanda.

O códice encontra-se em ótimo estado de conservação, não apresentando defeitos no papel ou marcas de papirófagos. Há apenas algumas pequenas manchas esbranquiçadas e castanhas provocadas pela ação do tempo.

Percebe-se que, para delimitar a largura da mancha do texto, foi feita uma dobradura à mão, da dobra do caderno em direção ao centro da folha. Desse modo, as margens próximas à dobra do livro possuem 5,3 cm, enquanto a mancha possui 28 x 16,6 cm, ocupadas por 32 linhas, com exceção do primeiro e do último fólio, com 30 e 28 linhas, respectivamente.

O manuscrito foi escrito com uma tinta ferrogálica, atualmente de coloração castanho-escura.

No corpo do manuscrito não há nenhuma datação, nem a autoria da obra. No entanto, no primeiro fólio escrito, encontra-se solto um pedaço de papel liso, bege, medindo 10,1 x 13,4 cm, com a seguinte inscrição à tinta castanho-escura e de punho diferente do manuscrito: “n. 412. Memórias para a historia da Capitania de S. Vicente, hoje chamada de S. Paulo do Estado do Brazil. Publicadas de ordem da Acad. R. de Sciencias. Por Fr. Gaspar da Madre de Deos. Lisboa, na Typ. da mesma Academia 1794. (sic) f. in 8º”. A que se segue um carimbo oval da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – Seção de Manuscritos. No verso desse pedaço de papel há uma marcação pequena do escudo imperial de Dom Pedro II, o que indica que essa inscrição é bem posterior à escrita do manuscrito.

O códice possui uma encadernação provavelmente tardia, feita em cartão coberto por um papel marmoreado nas cores marrom e bege, medindo 36 x 22,2 cm. A lombada, que mede 36 x 4 cm, é arredondada, forrada em pele azul marinho e composta de seis nervos falsos e de cinco entrenervuras. Na primeira, terceira e quinta entrenervuras há um símbolo arredondado em dourado; na segunda, em letra capital dourada, o nome do autor e o título da obra: “Madre de Deus. Fundação da Capitania de S. Vicente”; na quarta, também em letra capital dourada, há a inscrição “MSC”; na quinta e última entrenervuras, abaixo do símbolo arredondado, há uma etiqueta adesiva branca com a cota da BN escrita à mão, com caneta esferográfica azul: “09, 3. 008”. Sob essa etiqueta, há uma outra mais antiga, que

provavelmente trazia uma cota anterior. Também há uma etiqueta como essa ao pé da capa, próxima à lombada.

O interior das pastas é recoberto por fólhos de guarda de papel marmoreado nas cores marrom e azul, que se encontram no início e no fim do códice. Essas guardas constituem folhas dobradas em dois e coladas por um lado no interior da capa e, pelo outro, à guarda seguinte, de papel amarelado. As outras guardas são duas, de um papel amarelado bem mais fino que as do manuscrito e de má qualidade.

Na guarda que está colada à capa há duas etiquetas da Biblioteca Nacional, uma sobre a outra, medindo 6,0 x 5,3 cm, com as inscrições: “I -5-3-N. 9” (a superior) e “Cod DCXLII/28-15” (a inferior). Na primeira guarda amarelada há a inscrição “Cod. DCXLII/28-15”; na segunda, “N. 5,540 do C.E.H.B. Coll. Castello Melhor. N. 162 do Cat. Castello Melhor”.

Em todo códice aparecem dois tipos de carimbo: um oval, de 2,0 x 3,4 cm, da Biblioteca Nacional Rio de Janeiro – Seção de Manuscritos, e outro redondo, com 1,7 cm de diâmetro, também da Biblioteca Nacional.

É possível observar, a partir das dobras, que há seis nervos que ligam todos os doze cadernos do códice. Cada caderno é composto por cinco bifólios.

De dentro do livro sai uma fita de tecido branco em cuja ponta há uma etiqueta retangular de papel branco com as inscrições: “BN Ministério da Cultura – Fundação Biblioteca Nacional / Indicação de catálogo: 09-03-008 / Microfilme: __ para localização na estante da BN”.

Anexo ao manuscrito da *Fundação da Capitania de São Vicente*, ao final do livro, há um texto de 26 fólhos não costurados e separados da encadernação, que traz, no primeiro fólho, a seguinte inscrição, a lápis: “Livro III das Memórias de S. Vicente de Fr. G. da Madre de Deus./H-35.26.7.6 removido para 9, 3, 8”.

O texto desse códice da Biblioteca Nacional é um texto limpo, com poucas emendas, escrito por apenas um punho.

Divertimento Admirável, de Manuel Cardoso de Abreu

A crônica intitulada *Divertimento Admirável: para os historiadores observarem as máquinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das Minas de Cuiabá e Mato Grosso* foi escrita por Manuel Cardoso de Abreu em 1783, enquanto esteve preso no Rio de Janeiro. Essa obra, dedicada a Martinho de Mello Castro, então Secretário de Estado da Marinha e dos Domínios Ultramarinos, é um relato das viagens fluviais para as minas de Cuiabá e Mato Grosso feitas por Manuel Cardoso de Abreu, que descreve a fauna e a flora às margens do Tietê, as populações ribeirinhas e os perigos encontrados durante o percurso.

- Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

O manuscrito original do *Divertimento Admirável* foi encontrado por Eduardo Prado em Lisboa, que fez uma cópia e a ofereceu ao IHGSP, em 1899. Tal manuscrito não foi localizado.

Rio de Janeiro, IHGB, Cota DL 50. 2 (incompleto)

Esse manuscrito, pertencente ao IHGB, cota DL 50. 2, apresenta um texto incompleto do *Divertimento Admirável*, constando de 15 fólios escritos em frente e verso, com exceção do primeiro e último fólios, os quais estão em branco.

O manuscrito não é encadernado, mas está protegido por duas pastas de papel: uma pasta de cartão ocre, com inscrições impressas e manuscritas que identificam a instituição e o manuscrito: “Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/Arquivo/Coleção Instituto Histórico/Resumo: Divertimento Admirável para os Historiadores Curiosos observarem as máquinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das minas do Cuiabá e Mato Grosso por um Sertanista Paulista. (Ano 1783) 15 fls./REV. IHGB, 1914, v. 130, p. 125. Lata 50. Pasta 2”. A pasta que está em contato com o manuscrito é branca e de um papel mais fino que o cartão, sem nenhuma inscrição. Entre esta pasta e o manuscrito há uma folha de papel ofício em que há um pequeno cartão colado, com as seguintes inscrições: “Lata 50 doc. 2”, a lápis, e “Divertimento admiravel para os istoriadores curiozos observarem as machinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das minas de Cuiabá e Mato grosso por um sertanista paulista. Arch. Lata 15-n. 988/Memor. N. 233”, à tinta. Há também nesse cartão um carimbo do IHGB.

Escrito em letra do século XIX, com tinta ferrogálica castanha, sobre papel de trapo, que possui como marcas d’água a inscrição Wend & Zoonen e a inscrição HCW e Zoonen dentro de um brasão com uma árvore no topo, o manuscrito está em ótimo estado de conservação.

Rio de Janeiro, IHGB, Cota DL 50. 3 (completo)

O manuscrito DL 50. 3 do IHGB, em letra do século XIX, diferente da do manuscrito DL 50. 2, possui 28 fólios escritos em frente e verso e numerados a lápis a partir do segundo fólio. Está em ótimo estado de conservação, apresentando apenas algumas pequenas marcas de papirófagos.

O conjunto de fólios não está encadernado, mas encontra-se protegido por duas pastas: uma de papel cartão ocre, com estas inscrições impressas e manuscritas: “Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/Arquivo/Coleção Instituto Histórico/Resumo: Divertimento Admirável para os Historiadores curiosos observarem

as máquinas do mundo nos sertões da navegação das minas do Cuiabá e Mato Grosso 1783 (28 fls). Rev. IHGB vol. 130 Tomo 77(PT. 2) ANO 1914 p. 125/Lata 50/Pasta 3”. A pasta que está em contato com o manuscrito é branca e de um papel mais fino que o cartão, sem nenhuma inscrição.

Usou-se como suporte de escrita o papel de trapo, que apresenta dois tipos de marcas d’água: a imagem de um touro com a inscrição “OVARTINO” e a imagem de um cavaleiro montado em um cavalo.

Memória Histórica da Capitania de São Paulo, de Manuel Cardoso de Abreu

Essa obra, dedicada a Luiz Pinto de Souza Coutinho, capitão-general em Mato Grosso entre 1769 e 1772, e elevado a visconde de Balsemão em 1801, narra a história da Capitania de São Paulo, com o objetivo de reabilitar o valor dos paulistas e defender a honra de São Paulo.

São Paulo, AE, Cota E1157146

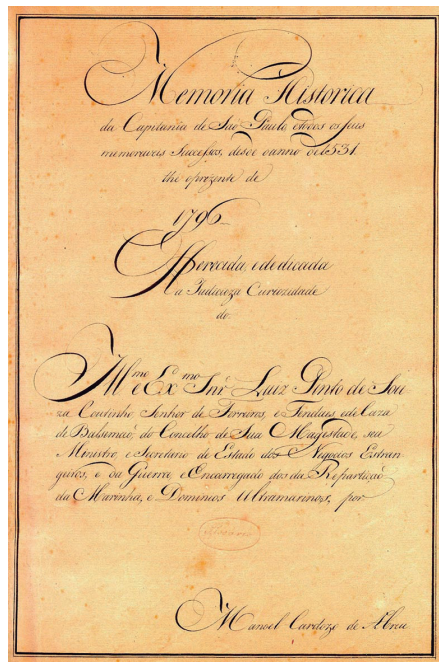


Figura 7. COSTA, Renata Ferreira. Fac-símile do primeiro fólio do manuscrito de cota E11571

⁴⁶ A descrição codicológica apresentada a seguir é uma adaptação do estudo presente no capítulo “Descrição do códice E11571” da dissertação de mestrado intitulada **Edição Semidiplomática**

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

O códice E11571 do AESP é um manuscrito autógrafo intitulado *Memória Histórica da Capitania de São Paulo e Todos os seus Memoráveis Sucessos desde o anno de 1531 até o presente de 1796*, de Manuel Cardoso de Abreu.

O manuscrito foi oferecido por Manuel Cardoso ao visconde de Balsemão, Luís Pinto de Sousa Coutinho, a quem a obra foi dedicada, que o anexou à sua biblioteca em Lisboa. Alguns anos depois, foi comprado pelo barão de Rosário, João José do Rosário, em Portugal, “ao se dispersar a antiga biblioteca do Visconde de Balsemão” (TAUNAY, 1943, p. 52) devido à sua morte em 1804. Assim, a obra voltou ao Brasil, com uma boa encadernação e em ótimo estado de conservação, sendo incorporado à biblioteca do barão. Segundo Taunay (1925, p. 229), depois da morte do barão de Rosário, o manuscrito foi adquirido, em 1915, por ordem de Altino Arantes, então secretário do Interior, para o Arquivo do Estado de São Paulo, onde se encontra até hoje sob a cota E11571. A obra permaneceu em versão manuscrita até o ano de 2007, quando apresentamos sua edição semidiplomática em nossa dissertação de mestrado defendida na Universidade de São Paulo, a qual foi posteriormente publicada em livro.

O códice esteve em exposição pública em duas ocasiões: em 1925, no Museu Paulista, e em 1954, na Exposição Histórica do Ibirapuera, comemorativa do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo, conforme informa Amaral (1974, p. 98-99):

[...] o Departamento do Arquivo, atendendo a pedido da “Comissão do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo”, selecionou e cedeu, para a Exposição Histórica do Ibirapuera, o seguinte material: (...) Original de uma ‘memória’ de Manuel Cardoso de Abreu; [...]

Esse manuscrito compõe-se de 163 fólios escritos em frente e verso, com exceção da folha de rosto e do fólio final. Embora escritas nos dois lados, as folhas são numeradas apenas no recto, no canto superior da margem direita. Sua dimensão é de 30 x 21 cm. O suporte é composto de papel de trapo de coloração amarelada, quase castanha. É um papel de textura espessa e de ótima qualidade. As folhas de guarda, mais escuras que as folhas internas e de menor qualidade, são pouco maleáveis e quebradiças, devido provavelmente ao processo de acidificação sofrido pelo suporte, fato que ocasionou a soltura da primeira guarda.

de Memória Histórica da Capitania de São Paulo, códice E11571 do Arquivo do Estado de São Paulo (COSTA, 2007, p. 44-59), e também do capítulo 3 da obra **Memória Histórica da Capitania de São Paulo: edição e estudo** (COSTA, 2014, p. 35-49), da autora deste livro.

É possível encontrar nos fólhos 158 e 159 defeitos no papel. Parece marca de uma pequena semente que, ao ser retirada de onde estava, em data posterior à da escritura do texto, foi substituída por polpa de papel, a que se seguiu a reconstituição das palavras anteriormente escritas, à tinta preta, o que contrasta com a tinta castanha do texto.

O primeiro fólho escrito, o qual contém o título da obra, a dedicatória e o nome do autor, é um papel de coloração mais escura que os demais, colado próximo à lombada por uma fina tira de papel, além de ser escrito à tinta preta por outro punho. Além disso, apresenta um carimbo oval de cor rosada, medindo 1,4 x 2,7 cm, com a inscrição “Rosário”, indicativo de que o códice pertenceu à biblioteca do barão de Rosário.

O códice em si está em ótimo estado de conservação, apresentando somente pequenas marcas de corrosão causadas por papirófagos no miolo do livro, quase ao pé. Percebe-se que o códice, ao longo de todos esses anos, não foi muito manuseado, já que não apresenta marcas de deterioração características desse processo.

As margens direita e esquerda são marcadas a lápis sempre nos fólhos rectos e não há delimitação a lápis das margens superior e inferior. A mancha do texto tem dimensão variável entre 29 cm e 29,5 cm por 13,2 cm e 15,5 cm, ocupadas, em média, por 26 linhas, com exceção do primeiro e do último fólho, com 15 e 20 linhas, respectivamente. Próximo ao traçado das margens esquerda e direita há, em alguns fólhos, minúsculos piques equidistantes a fim de guiar os traços de justificação.

O texto foi escrito em tinta ferrogálica castanho-escura.

No códice, os fólhos de guarda possuem, em sua maioria, dez pontusais dispostos horizontalmente na folha, medindo 3,2 cm entre si, vergaturas verticais com 1 mm, e as marcas d’água de dois tipos: um brasão acompanhado da sigla “JGL” e uma marca de difícil identificação, dispostas horizontalmente no centro do fólho, na dobradura, sendo que uma metade está em um fólho e a outra, em outro⁴⁷.

Os fólhos escritos têm uma constituição diferente: seus pontusais verticais, em média oito, possuem entre si a distância de 2,8 cm, suas vergaturas horizontais, 1 mm, e a marca d’água está disposta por inteiro no centro do fólho. Nesses fólhos há

⁴⁷ Uma das marcas d’água das guardas, que está na dobra dos bifólhos, traz dificuldade de identificação justamente por seu truncamento quando as metades equivalentes não foram solidárias.

- Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

dois tipos de marcas d'água: um brasão com uma águia de asas levantadas, acompanhado da inscrição “Gior Magnani”, e a inscrição “Al Masso”.

A composição dos cadernos do códice é de difícil precisão, já que estão extremamente unidos entre si e à lombada.

A capa do códice, feita em cartão coberto por couro marrom, mede 31 x 21,5 cm e é decorada apenas com um enquadramento de filetes marrons. A lombada, que mede 31 x 4 cm, é arredondada e composta por cinco nervos falsos e seis entrenervuras emolduradas com filetes marrons. Na segunda entrenervura há o sobrenome do autor e o título da obra estampado em letras maiúsculas douradas. Na última entrenervura há uma etiqueta adesiva branca, com 3,6 x 4 cm, impressa com a cota do códice: “11571”.

A encadernação não é original e, como as dobras e as aparas dos cadernos não apresentam indícios de desgaste, como se poderia esperar caso fossem utilizados sem encadernação durante muitos anos, a hipótese é a de que havia uma primeira encadernação contemporânea da elaboração do manuscrito, que foi substituída pela atual.

O interior das pastas é recoberto por fólhos de guarda: três folhas, uma de papel caracol e outras duas de papel do mesmo tom amarelado do suporte do manuscrito. Essas folhas encontram-se no início e no fim do códice. Na segunda folha de guarda, no canto inferior da margem esquerda do verso, há uma pequena etiqueta adesiva, de 1,5 x 2,3 cm, com a seguinte inscrição à tinta preta: “a – 10/D. n. 15/Inv. 7 pg 12”.

1.2.2. Impressos

História da Capitania de São Vicente, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme

1ª edição – 1847

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *História da Capitania de São Vicente desde a sua Fundação por Martim Afonso de Sousa em 1531*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia de João Ignácio da Silva, 1847, tomo IX, p. 137-178/293-328/445-476.

A primeira edição da *História da Capitania de São Vicente* se deu em 1847, no volume nono da RIHGB, em três partes: primeira parte publicada no 2º trimestre de 1847, entre as páginas 137 e 178; segunda, no 3º trimestre de 1847, entre as

páginas 293 e 328, e terceira, publicada no 4º trimestre de 1847, entre as páginas 445 e 476.

Essa edição baseou-se no manuscrito apógrafo pertencente ao Instituto, informação dada na edição da seguinte maneira: “Copiado do manuscrito original existente no arquivo do Instituto”. Sobre esse manuscrito conferir o tópico 1.1 deste capítulo.

A Revista não traz nenhuma informação biobibliográfica do autor, apenas informa que a obra foi escrita por Pedro Taques em 1772. Tampouco há notas críticas do editor, que apenas agregou no fim da primeira e segunda partes a inscrição “Continua” e, no início da segunda e terceira partes, a informação “Continuação do trimestre antecedente, pag. 178” e “Continuação do trimestre antecedente, pag. 328”, respectivamente.

A obra completa possui 110 páginas, com modernização ortográfica, abreviaturas não desenvolvidas e notas numéricas contínuas em rodapé. Em rodapé também é possível encontrar a inscrição “TOMO IX”, seguida de uma numeração contínua, que aparece de oito em oito páginas. Esse seria o sistema de “assinatura”, uma sigla alfa-numérica escrita na margem inferior da primeira página de cada caderno sucessivo e que indica a constituição dos cadernos.

2ª edição – [1928]

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *História da Capitania de São Vicente*. São Paulo: Melhoramentos, [1928].

Essa segunda edição da *História da Capitania de São Vicente*, pela editora Melhoramentos, sem indicação de data, mas que certamente é posterior ao ano de 1926, devido a indicações feitas por Afonso Taunay (cf. página 53 da edição)⁴⁸, conta com um esboço biográfico de Pedro Taques por Afonso d’Escragnolle Taunay.

Ao que parece, essa edição é uma reprodução da anterior de 1847. Ainda que não haja nenhuma informação a respeito, há pouquíssimas diferenças entre as duas edições.

⁴⁸ Odilon Matos (1977, p. 213), quando elenca e descreve as obras escritas e comentadas por Afonso Taunay, identifica a edição da *História da Capitania de São Vicente*, pela editora Melhoramentos, como sendo de 1928.

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

O livro, composto por 177 páginas, traz um índice no final do volume, à página 177, e também apresenta no cabeçalho das páginas o título do capítulo (páginas pares) e o assunto a ser tratado (páginas ímpares).

O texto apresenta uma ortografia modernizada, abreviaturas não desenvolvidas, notas numéricas contínuas em rodapé e um sistema de “assinatura”, constituído por uma numeração seguida da inscrição “História da Capitania de S. Vicente”, que aparece sempre em rodapé a cada 16 páginas.

Essa edição é constituída da seguinte maneira: 1. Folha de rosto; 2. Escorço biográfico de Pedro Taques de Almeida Paes Leme por Afonso Taunay; 3. Título da obra; 4. Texto da *História da Capitania de São Vicente*; 5. Índice.

3ª edição – 2004

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *História da Capitania de São Vicente. Brasília*: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. (Edições do Senado Federal, v. 25).

A edição do Senado Federal de 2004, em comemoração aos 450 anos de São Paulo, baseada na edição anterior, traz, além do escorço biográfico de Pedro Taques por Afonso Taunay, uma introdução biográfica do autor pelo então senador Romeu Tuma, intitulada “Um erudito entre o gentio: a saga do historiador e genealogista Pedro Taques”.

Além da versão impressa, é possível encontrar a versão eletrônica dessa edição, que se encontra no sítio <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/sf000043.pdf>>.

O livro é composto por 150 páginas e o texto apresenta modernização ortográfica, abreviaturas não desenvolvidas e notas numéricas contínuas em rodapé. No cabeçalho das páginas aparecem o nome do autor, nas páginas pares, e o título da obra, nas páginas ímpares. A obra conta com um sumário no início do livro e uma ilustração do “Ciclo da Caça ao Índio”, óleo sobre tela de Henrique Bernardelli, pertencente ao Museu Paulista.

Essa edição é constituída por: 1. Frontispício; 2. Sumário; 3. “Um erudito entre o gentio: a saga do historiador e genealogista Pedro Taques”, por Romeu Tuma; 4. Escorço biográfico de Pedro Taques de Almeida Paes Leme por Afonso Taunay; 5. Título da obra; 6. Texto da *História da Capitania de São Vicente*.

Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme

1ª edição – 1849

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Collegio de São Paulo*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1849, tomo 12, p. 5- 40.

A primeira publicação da *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo* deve-se à RIHGB, em 1849, com base no manuscrito apógrafo depositado no próprio Instituto.

Essa edição traz apenas a obra, sem nenhuma informação sobre a vida e a obra de Pedro Taques, como ocorrerá na edição posterior.

O texto da *Notícia Histórica*, que se encontra entre as páginas 5 e 40 da Revista, apresenta-se com modernização ortográfica e abreviaturas não desenvolvidas. Para a identificação dos cadernos, há um sistema de assinatura no rodapé, caracterizado por uma numeração romana seguida de uma numeração arábica.

Essa primeira edição é constituída da seguinte maneira: 1. Título da obra, nome do autor e informação de que o manuscrito utilizado na edição foi oferecido ao Instituto por Manoel Araújo Porto Alegre; 2. Texto da *Notícia Histórica*; 3. Nota do redator da revista informando que existem alguns erros gramaticais, orações sem sentido ou incompletas no texto, originários do próprio manuscrito, ao qual se procurou ser o mais fiel possível, com exceção da ortografia.

2ª edição – [1929]

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *Informação sobre as Minas de São Paulo e A Expulsão dos Jesuítas do Collegio de São Paulo*. 2 ed. São Paulo, Caieiras, Rio de Janeiro: Melhoramentos, [1929].

A segunda edição da *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo*, pela editora Melhoramentos, reúne os textos da *Informação sobre as Minas de São Paulo e dos Sertões da sua Capitania desde o anno de 1597 até o presente de 1772* e da *Expulsão dos Jesuítas do Collegio de São Paulo*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, além de um estudo biobibliográfico do autor e uma nota sobre a sua

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

autoridade histórica entre seus contemporâneos, entre eles Cláudio Manoel da Costa, por Afonso d'Escragnolle Taunay.

O texto dessa edição é uma reprodução da edição da Revista do IHGB, de 1849, com o título alterado para *A Expulsão dos Jesuítas do Collegio de São Paulo*, que conta com uma nova nota do redator da Revista e uma nota crítica de Afonso Taunay sobre o manuscrito utilizado para a edição, em alusão à nota que lhe é anterior, à página 213.

Composta por 216 páginas, a edição é constituída da seguinte maneira: 1. Frontispício; 2. Estudo sobre a vida e a obra de Pedro Taques, por Afonso Taunay, intitulado “Pedro Taques e sua Obra”; 3. Parecer sobre a edição da *Informação sobre as Minas de São Paulo*, por Antônio Jansen do Paço; 4. Texto da *Informação*; 5. Pequena nota referente ao original manuscrito e um pequeno texto complementar de Pedro Taques; 6. Texto da *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas*; 7. Nota do redator da Revista do IHGB, a que se segue uma nota de Afonso Taunay; 8. Nota; 9. Índice.

Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme

1ª edição – 1870

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. Nobiliarchia Paulistana. Genealogia das Principais Famílias de São Paulo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1870, tomo XXXIII, v. 41, 2ª parte, p. 27-185/249-335.

A *Nobiliarchia Paulistana. Genealogia das Principais Famílias de São Paulo* foi publicada pela primeira vez na RIHGB, entre os tomos XXXII e XXXV, de 1869 a 1872.

O texto correspondente às famílias dos Antas Moraes, Laras e Prados, se encontra entre as páginas 27 e 185, enquanto as famílias dos Costas Cabraes, Mesquitas, Penteados e Alvarengas Monteiros, entre as páginas 249 e 335 do tomo XXXIII do volume 41 da Revista.

Essa edição não apresenta nenhum estudo biobibliográfico do autor, tampouco informações sobre o manuscrito que serviu de modelo para a versão impressa da obra. O texto apresenta ortográfica da época da publicação, abreviaturas e notas de rodapé inseridas pela redação da Revista e também por quem fez copia

do manuscrito, em 1783, segundo indicação do editor. Para a identificação da continuidade da obra, foram inseridas as palavras “continuada (...)” e “continua”.

É interessante notar que o título da obra é diferente do que se conhece atualmente.

A edição é constituída da seguinte maneira: 1. Título da obra, nome do autor e informação de que esse volume é continuação do texto da 1ª parte do mesmo volume; 2. Texto da *Nobiliarquia*.

2ª edição – 1940

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940, tomo especial, v. 2.

A segunda edição da *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica* foi publicada em dois volumes no tomo especial da RIHGB, entre 1926 e 1940.

Essa edição parece ser rara, uma vez que não foi encontrada nas bibliotecas pesquisadas, somente tivemos notícia dessa edição em um site de compras coletivas na internet.

A folha de rosto do livro traz as seguintes informações: “segunda edição acrescida de uma parte inédita, com uma biografia de Pedro Taques e estudo crítico de sua obra por Affonso E. Taunay”, além de indicar também que houve uma alteração no texto de Pedro Taques a partir da obra do genealogista Luiz Gonzaga da Silva Leme, feita por Augusto de Siqueira Cardoso.

3ª edição – 1953

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*. 3. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953, tomo II, (Biblioteca Histórica Paulista IV).

Essa é a terceira edição da *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, publicada em três tomos pela Livraria Martins Editora, em 1953, com estudo da biografia e obra do autor e notas por Afonso Taunay. Esse é o quarto volume da coleção Biblioteca Histórica Paulista, com direção de Afonso Taunay, lançada em comemoração ao IV Centenário da Fundação de São Paulo.

O tomo II da *Nobiliarquia* corresponde às famílias dos Prados, Pires, Afonsos Gayas, Chassins, Campos, Toledos Pizas e Rendons.

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

O texto reproduz o da edição de 1929 e conta com algumas intervenções do editor, como, por exemplo, a modificação do título, a inserção de notas críticas e a reorganização dos títulos genealógicos, em relação à primeira edição.

Cinco imagens ilustram o livro: 1. Estátua de Manoel da Borba Gato, por Nicolau Rollo, que se conserva no Museu Paulista, entre as páginas 54 e 55; 2. Estátua de Francisco Dias Velho, por Nicolau Rollo, no vestíbulo do Museu Paulista, entre as páginas 84 e 85; 3. Quadro “Ciclo dos criadores de gado”, de Batista da Costa, entre as páginas 136 e 137; 4. “Domingos Jorge Velho e seu loco-tenente”, quadro de Benedito Calixto, entre as páginas 182 e 183; 5. “Encontro de monções no sertão”, desenho de Hércules Florence, entre as páginas 224 e 225.

O tomo II do livro, que possui 290 páginas, está organizado da seguinte maneira: 1. Nome do autor, título da obra, informação de que é a “terceira edição acrescida da parte inédita, com uma biografia do autor e estudo crítico de sua obra por Afonso de E. Taunay”; 2. Texto da *Nobiliarquia*; 3. Índice.

4ª edição –?

A quarta edição da *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica* não foi localizada.

5ª edição – 1980

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980, tomo II, (Reconquista do Brasil, v. 6).

A quinta edição da *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica* foi publicada em três tomos pelas editoras Itatiaia e EDUSP, em 1980, compondo o volume 6 da coleção Reconquista do Brasil, dirigida por Mário Guimarães Ferri.

O texto é uma reprodução da 3ª edição, de 1953, com prefácio de Mário Guimarães Ferri e estudo biográfico do autor e da obra por Afonso de E. Taunay.

O livro apresenta seis ilustrações, duas a mais que a 3ª edição, a saber: 1. “Nau do século XVI”, painel atribuído a Gregório Lopes, obra que se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, no verso do índice; 2. “Estátua de Manoel da Borba Gato, por Nicolau Rollo, que se conserva no Museu Paulista, na página 70; 3. Quadro “Ciclo dos criadores de gado”, de Batista da Costa, na página 114; 4. “Domingos Jorge Velho e seu loco-tenente”, quadro de Benedito Calixto, à página 144;

5. “Encontro de monções no sertão”, desenho de Hércules Florence, na página 172;
6. “Ciclo da caça ao índio, um bandeirante”, por Henrique Bernardelli, na página 220.

O tomo II do livro, que possui 290 páginas, está organizado da seguinte maneira: 1. Nome do autor, título da obra, informação de que é a “quinta edição acrescida da parte inédita, com uma biografia do autor e estudo crítico de sua obra por Afonso de E. Taunay”; 2. Índice; Texto da *Nobiliarquia*.

Memórias para a História da Capitania de São Vicente, de Frei Gaspar da Madre de Deus

1ª edição – 1797

MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo, do Estado do Brasil*. 1. ed. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1797.

A edição *princeps* das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, publicada em Lisboa pela Academia Real de Ciências, em 1797, foi feita com base no manuscrito autógrafa original de Frei Gaspar da Madre de Deus, de 1786, que se encontra ainda hoje no Arquivo da Academia sob a cota Ms. Azul 1751.

O lançamento da obra foi anunciado em Portugal, no jornal *Gazeta de Lisboa*, aos 14 de novembro de 1797, da seguinte maneira: “Sahirão à luz: Memórias para a Historia da Capitania de S. Vicente, hoje de S. Paulo, por Fr. Gaspar da Madre de Deos, publicadas ultimamente pela Academia Real das Sciencias, em I vol. de 4º. Vendem-se em casa de *Bertrand* aos *Martyres*”.

Sob os cuidados de Diogo Toledo Lara e Ordonhes, amigo de Frei Gaspar, o manuscrito das *Memórias*, até então intitulado *Fundação da Capitania de São Vicente e acçoens de Martim Affonso de Souza no Brazil*, foi levado a Lisboa para o exame da Academia de Ciências, que aceitou publicá-lo se antes fossem feitas algumas modificações⁴⁹: 1. O título deveria ser mudado para *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*; 2. Os parágrafos 13 e 14 do manuscrito deveriam vir

⁴⁹ As informações aqui contidas encontram-se na carta do vice-secretário da ACL, Francisco de Borja Garção Stockler, a Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, datada de 23 de fevereiro de 1796, e publicada em **Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo**, vol. IV, 1896, páginas 25 e 26, com o título “Parecer sobre a obra de Fr. Gaspar”. Também podem ser encontrados trechos desse documento no tomo 2 dos **Anais do Museu Paulista**, 1925, à página 167.

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

em nota separada do corpo do texto; 3. Adjetivos como “doutíssimo” e “erudito” e outros semelhantes, referentes aos escritores citados, deveriam ser omitidos; 4. Os adjetivos “novatos” e “bugres” dados aos portugueses que acabavam de chegar ao Brasil e aos índios da terra, respectivamente, deveriam ser substituídos; 5. Todas as orações com verbo o “haver” no plural, como, por exemplo, “Contendas que ouveirão”, teriam que ser corrigidas. Todas essas modificações foram realizadas e assim se deu a publicação da obra.

O livro é composto por 245 páginas.

O título da obra aparece no cabeçalho das páginas, a partir da segunda, da seguinte forma: “MEMORIAS PARA A HISTORIA”, nas páginas pares, e “DA CAPITANIA DE S. VICENTE”, páginas ímpares, com exceção da última página, onde o título aparece completo “MEM. HIST. DA CAP. DE S. VIC.”.

Nessa edição é possível encontrar reclames, que eram muito comuns nos manuscritos, e também o sistema de “assinatura”, que nos permite identificar cadernos com 4 bifólios. Além disso, as abreviaturas não são desenvolvidas e todas as notas são numéricas, não contínuas entre páginas e colocadas em rodapé.

Essa edição constituiu-se da seguinte maneira: 1. Folha de rosto; 2. Texto que reproduz a determinação da Academia Real de Ciências de publicar as *Memórias*; 3. Índice; 4. Texto das *Memórias*.

2ª edição – 1847

MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje Província de São Paulo do Império do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia de Agostinho de Freitas Guimarães, 1847.

Essa segunda edição das *Memórias*, que vem acompanhada do *Diário de Navegação da Armada que foi à terra do Brasil em 1530*, de Pero Lopes de Souza, reprodução da edição de Lisboa por Francisco Adolpho Varnhagen, foi subsidiada pelo governo de São Paulo e esteve aos cuidados de José Joaquim Machado de Oliveira, então sócio do IHGB.

Apesar de ser uma reprodução da edição *princeps*, conta com algumas intervenções do editor, como a modificação do título⁵⁰, a inserção de três notas críticas,

⁵⁰ Observe-se que houve duas modificações no título: “(...) hoje **chamada** de São Paulo” para “(...) hoje **Província** de São Paulo” e “(...) do **Estado** do Brasil” para “(...) do **Império** do Brasil”.

uma delas marcada por um asterisco, e duas alfabéticas, identificadas pela sigla M.O., de Machado de Oliveira, as inscrições “FIM DO LIVRO I” e “FIM DO LIVRO II”, ao fim dos livros correspondentes, e a introdução de um “Catálogo das obras e documentos que foram consultados na confecção das Memórias para a História da Capitania de São Vicente”, ao final do qual também há a sigla M.O. Além disso, essa edição traz uma ortografia modernizada em relação à edição de 1797, as abreviaturas não são desenvolvidas, as notas são numéricas e não contínuas, com exceção das notas do editor, que são alfabéticas, não há reclames, como na primeira edição, e o cabeçalho de todas as páginas apresenta o título da obra da seguinte forma: “MEMORIAS PARA A HISTORIA”, nas páginas pares, e “DA CAPITANIA DE S. VICENTE”, nas páginas ímpares.

Essa edição é constituída da seguinte maneira: 1. Frontispício; 2. Reprodução do “Artigo extraído das atas da assembleia legislativa da Província de São Paulo”, de 6 de fevereiro de 1847, que indica a aprovação da reimpressão das *Memórias*; 3. Texto das *Memórias*; 4. “Catálogo das obras e documentos que foram consultados na confecção das Memórias para a História da Capitania de S. Vicente”; 5. *Diário da Navegação da Armada que foi à terra do Brasil em 1530 sob a capitania-mor de Martin Afonso de Sousa escripto por seu irmão Pero Lopes de Souza*; 6. Notas; 7. Índice.

3ª edição – 1920

MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo e Notícias dos anos em que se descobriu o Brasil*. 3. ed. São Paulo e Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1920.

Essa é a terceira edição das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, publicada em São Paulo e no Rio de Janeiro por Weiszflog Irmãos, em 1920. Tal edição traz, além do texto das *Memórias*, o texto das *Notícias dos Anos em que se Descobriu o Brasil*, também de autoria de Frei Gaspar da Madre de Deus, e um estudo biográfico do autor e algumas notas inseridas no texto por Afonso Taunay.

O livro, composto por 383 páginas, não traz índice ou sumário, mas apresenta no cabeçalho de todas as páginas o título da obra (as *Memórias*⁵¹ ou as *Notícias*) e os assuntos tratados, sempre nessa ordem.

⁵¹ No título desta edição já não figura a expressão “do Estado do Brasil”.

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

Nessa edição encontram-se algumas ilustrações: 1. Um fac-símile, segundo o editor, de um autógrafa de Frei Gaspar, depois da folha de rosto; 2. Uma imagem das “Ruínas da Capella de Sant’Anna do Acarahy, em S. Vicente, onde foi batizado Fr. Gaspar da Madre de Deus”; 3. “Placa de bronze comemorativa do 2º centenário de Fr. Gaspar da Madre de Deus, colocada no saguão do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo”, esta imagem e a anterior encontram-se na página posterior à do fac-símile; 4. “A subida da serra do Cubatão pela antiga calçada do Lorena, 1826 – segundo um desenho de Hercules Florence”, à página 176.

No texto dessa edição, há modernização ortográfica, as abreviaturas não foram desenvolvidas, as notas, que são numéricas e não alfabéticas como nos manuscritos, não são contínuas, elas se reiniciam a cada página, além disso, pelo menos duas notas são introduzidas pelo editor da edição anterior, no caso Machado de Oliveira, identificadas pela sigla M.O, que foram reproduzidas por Taunay. Ao final do primeiro livro das *Memórias*, o editor agrega a inscrição “FIM DO LIVRO 1”, e quando a obra termina, depois do segundo livro, acrescenta um “Catálogo das obras e documentos que foram consultados na confecção das Memórias para a História da Capitania de São Vicente”.

A constituição dessa terceira edição é a seguinte: 1. Folha de Rosto; 2. Fac-símile; 3. Ilustrações; 4. Prefácio da 3ª edição; 5. Relação das obras de Frei Gaspar da Madre de Deus; 6. Inéditos e Notas; 7. Cargos ocupados e dignidades conferidas a Frei Gaspar da Madre de Deus em sua Ordem; 8. Frei Gaspar da Madre de Deus; 9. Notas: I. A Lenda de Amador Bueno/II. O Livro Terceiro das “Memórias para a Capitania de S. Vicente”; 10. Bibliografia; 11. As obras filosóficas de Frei Gaspar da Madre de Deus; 12. Filosofia Platônica; 13. Texto das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo*; 14. “Catálogo das obras e documentos que foram consultados na confecção das ‘Memórias para a História da Capitania de S. Vicente’”; 15. Texto das *Notícias dos anos em que se descobriu o Brasil e das entradas das religiões e suas fundações*.

4ª edição – 1953

MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo e Notícia dos anos em que se descobriu o Brasil*. 4. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953. (Coleção Biblioteca Histórica Paulista III).

Essa é a quarta edição das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, publicada em São Paulo pela Livraria Martins Editora, em 1953. Tal edição,

reprodução da anterior, também traz, além do texto das *Memórias*, o texto da *Notícia dos Anos em que se Descobriu o Brasil*, com introdução e notas por Taunay. É o terceiro volume da coleção Biblioteca Histórica Paulista, com direção de Afonso Taunay, que foi lançada em comemoração ao IV Centenário da Fundação de São Paulo.

O livro, composto por 251 páginas, traz um índice no final do volume, à página 251, e também apresenta no cabeçalho de todas as páginas o nome do autor e o título da obra, sempre nessa ordem. Apesar de haver duas obras reproduzidas no mesmo livro, o título que sempre aparece no cabeçalho é o das *Memórias*, mesmo quando o texto é o das *Notícias*, que aqui é escrito na folha de rosto e no índice como *Notícia*, no singular.

É importante ressaltar que a *Notícia dos Anos em que se Descobriu o Brasil* não é anunciada na capa, no frontispício e nem no cabeçalho dessa edição, aparece apenas na folha de rosto, que anuncia o próprio texto, e no índice, como dito anteriormente.

Nessa edição aparecem diversas ilustrações, nenhuma delas correspondente às ilustrações da edição anterior: 1. Mapa de “São Vicente, Santos e Santo Amaro – do códice da Biblioteca da Ajuda (fim do século XVI)”, antes da folha de rosto; 2. Fac-símile da folha de rosto da 1ª edição das *Memórias*, entre as páginas 28 e 29; 3. Ilustração de “D. João III – Quadro de J. Wash Rodrigues”, entre as páginas 32 e 33; 4. Ilustração de “Martim Afonso de Souza – Quadro de J. Wash Rodrigues”, entre as páginas 40 e 41; 5. “Mapa interpretativo do quinhentismo Vicentino, de Teodoro Sampaio”, entre as páginas 50 e 51; 6. Imagem do “Brasão de Martim Afonso de Souza”, entre as páginas 60 e 61; 7. Ilustração de “A frota de Martim Afonso de Souza no Porto das Naus (S. Vicente) – Quadro de Benedito Calixto”, entre as páginas 74 e 75; 8. Ilustração de “Martim Afonso de Souza em Piassaguera, a caminho do planalto, guiado por João Ramalho – Quadro de Benedito Calixto”, entre as páginas 88 e 89; 9. Ilustração da “Fundação da Vila de São Vicente por Martim Afonso de Souza em 1532 – Quadro de Benedito Calixto”, entre as páginas 110 e 111; 10. Imagem da “Carta de Sesmaria assinada por Martim Afonso de Souza”, entre as páginas 120 e 121; 11. Ilustração da “Aclamação de Amador Bueno – Quadro de Oscar Pereira da Silva”, entre as páginas 140 e 141; 12. Ilustração do “Lagamar Vicentino, segundo Hans Staden”, entre as páginas 162 e 163; 13. Ilustração de “Tebiriça – Quadro de J. Wash Rodrigues”, entre as páginas 184 e 185; 14. Imagem da “Ata da Câmara de Santo André da Borda do Campo assinada por João Ramalho”, entre as páginas 208 e 209; 15. Ilustração de “João Ramalho e um dos seus filhos”, entre as páginas 232 e 233.

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

No texto, há modernização ortográfica, as abreviaturas não foram desenvolvidas, as notas, que são numéricas e não alfabéticas como nos manuscritos, são contínuas (de 1 a 225), além disso, pelo menos duas notas são introduzidas pelo editor da 2ª edição, Machado Oliveira, identificadas pela sigla M.O. Ao final do primeiro livro das *Memórias*, não há a inscrição “FIM DO LIVRO 1”, como na 3ª edição. Quando a obra termina, depois do segundo livro, o editor acrescenta um “Catálogo das obras e documentos que foram consultados na confecção das Memórias para a História da Capitania de São Vicente”.

Essa quarta edição é constituída da seguinte maneira: 1. Mapa de São Vicente; 2. Folha de rosto; 3. “Duas palavras sobre esta quarta edição das Memórias para a História da Capitania de S. Vicente hoje chamada de S. Paulo”; 4. Súmula Biográfica de Frei Gaspar da Madre de Deus por Afonso Taunay; 5. “Bibliografia de Frei Gaspar da Madre de Deus”; 6. Título da obra *Memórias*; 7. Fac-símile da folha de rosto da 1ª edição das *Memórias*; 8. Texto das *Memórias*; 9. “Catálogo das obras e documentos que foram consultados na confecção das Memórias para a História da Capitania de S. Vicente”; 10. Título da obra *Notícia dos anos em que se descobriu o Brasil*; 11. Texto da *Notícia*; 12. Índice.

Faz-se necessário ressaltar aqui que no texto “Duas palavras sobre esta quarta edição das Memórias para a História da Capitania de S. Vicente hoje chamada de S. Paulo”, à página 5, Afonso Taunay se equivoca ao dar a informação de que a terceira edição deveu-se à Companhia Melhoramentos de São Paulo, publicada em 1921. Algumas páginas depois, em “Bibliografia de Frei Gaspar da Madre de Deus”, o mesmo editor escreve a informação correta: “A terceira edição em volume é de SP e de 1920 (Weiszflog Irmãos)”, à página 25.

5ª edição – 1975

MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo e Notícia dos anos em que se descobriu o Brasil*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1975. (Coleção Reconquista do Brasil, v. 20).

Essa é uma reprodução da edição publicada pela Livraria Martins Editora, em 1953, com nota biobibliográfica por Afonso Taunay e prefácio de Mário Guimarães Ferri. Apresenta apenas duas diferenças em relação à edição anterior: o sumário, que aparece no início do livro, e a apresentação de apenas uma ilustração, o fac-símile do frontispício da primeira edição das *Memórias*.

A quinta edição é constituída da seguinte maneira: 1. Folha de Rosto; 2. Sumário; 3. Prefácio; 4. Súmula Biográfica de Frei Gaspar da Madre de Deus por Afonso Taunay; 5. “Bibliografia de Frei Gaspar da Madre de Deus”; 6. Título da obra *Memórias*; 7. Fac-símile do frontispício da 1ª edição das *Memórias*; 8. Texto das *Memórias*; 9. “Catálogo das obras e documentos que foram consultados na confecção das *Memórias* para a História da Capitania de S. Vicente”; 10. Título da obra *Notícia dos anos em que se descobriu o Brasil*; 11. Texto da *Notícia*.

6ª edição – 2010

MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010. (Edições do Senado Federal, v. 129).

Essa é a sexta edição das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, publicada pelo Conselho Editorial do Senado Federal, em Brasília, em 2010, como seu 129º volume. Tal edição reproduz a 3ª edição da obra, publicada em São Paulo e no Rio de Janeiro por Weiszflog Irmãos, em 1920, com prefácio de Afonso D’Escragnolle Taunay.

O livro, composto por 220 páginas, traz o sumário, o prefácio da 3ª edição por Afonso Taunay, a relação das obras de Frei Gaspar e uma nota sobre a *Continuação das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus*, publicada na Revista do IHGB, no início do volume, além do catálogo das obras e documentos consultados por Frei Gaspar e um índice onomástico, no fim do volume.

No cabeçalho de todas as páginas em que há o texto das *Memórias*, encontram-se o nome do autor e o título da obra, sempre nessa ordem.

Nessa edição aparecem as seguintes ilustrações: 1. Um fac-símile, segundo o editor, de um autógrafo de Frei Gaspar, depois da folha de rosto; 2. Uma imagem das “Ruínas da Capella de Sant’Anna do Acarahy, em S. Vicente, onde foi batizado Fr. Gaspar da Madre de Deus”; 3. “Placa de bronze comemorativa do 2º centenário de Fr. Gaspar da Madre de Deus, colocada no saguão do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo”, esta imagem e as anteriores encontram-se na página 15; 4. Um mapa que representa as vilas de São Vicente, Santos e Bertioga, ilustração do livro de relatos “Reys-boeck van het rijcke Brasilien”, publicado nos Países Baixos, em 1624, na primeira folha de guarda e que também ilustra a capa do livro; 5. Ilustração da “Subida da Serra do Cubatão pela Antiga Calçada Lorena, 1826, (segundo um desenho de Hercules Florence)”, na página 72.

- Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

No texto, há modernização ortográfica, as abreviaturas não foram desenvolvidas, as notas são numéricas e contínuas (de 1 a 225). Ao final do primeiro livro, não há a inscrição “FIM DO LIVRO 1”, como na 3ª edição, mas há, ao final da obra, depois do segundo livro, o “Catálogo das obras e documentos que foram consultados na confecção das Memórias para a História da Capitania de São Vicente”.

Essa edição é constituída da seguinte maneira: 1. Mapa das vilas de São Vicente, Santos e Bertioga; 2. Folha de rosto; 3. Frontispício; 4. Ficha Catalográfica; 5. Sumário; 6. Prefácio da 3ª edição; 7. Relação das obras de Frei Gaspar da Madre de Deus; 8. Nota; 9. Texto das *Memórias*; 10. “Catálogo das obras e documentos que foram consultados na confecção das Memórias para a História da Capitania de S. Vicente”; 11. Índice onomástico.

Divertimento Admirável, de Manuel Cardoso de Abreu

1ª edição – 1902

ABREU, Manuel Cardoso de. *Divertimento Admirável*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1902, volume 6, p. 253-293.

A primeira edição do *Divertimento Admirável: para os historiadores observarem as máquinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das Minas de Cuiabá e Mato Grosso*, de Manuel Cardoso de Abreu, deve-se à RIHGSP, em 1902, entre as páginas 253 e 293.

O editor da Revista declara que essa edição é baseada em uma cópia manuscrita do texto original, o qual foi encontrado em Lisboa e transcrito por Eduardo Prado.

O texto apresenta atualização ortográfica, abreviaturas não desenvolvidas e também notas do editor. A edição inicia-se com o frontispício da obra, que apresenta título, dedicatória, nome do autor e datação (1783), além de um prefácio e uma carta ao leitor.

A edição é constituída da seguinte maneira: 1. Frontispício da obra; 2. Prefácio; 3. Carta ao Leitor; 4. Texto do *Divertimento Admirável*; 5. Advertência; 6. “Nota sobre Manoel Caetano (sic) de Abreu”.

2ª edição – 1914

DIVERTIMENTO ADMIRÁVEL. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Volume 77 (2ª parte), Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914, p. 125-156.

A segunda edição do *Divertimento Admirável*, produzida pela RIHGB, em 1914, às páginas 123 a 156, não identifica o autor da obra.

Essa é uma edição desprovida de notas do editor da revista, apresentando atualização ortográfica, abreviaturas não desenvolvidas e palavras escritas juntas. Além disso, são evidentes algumas variantes entre esta edição e a edição anterior, principalmente em relação à ortografia e à substituição do nome do autor por diferentes siglas, as quais não correspondem com o nome de Manuel Cardoso de Abreu.

Inicia-se com o frontispício da obra, que apresenta título, dedicatória e datação (1783), além de um prefácio e uma carta ao leitor. No cabeçalho da revista, na página 128, aparece a inscrição “REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO” e, da página 132 em diante, as inscrições “REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO” (páginas pares) e “DIVERTIMENTO ADMIRAVEL” (páginas ímpares).

É possível encontrar nessa edição um sistema de assinatura numérico, composto por duas numerações: número 897 seguido dos números 9 e, a seguir, 10.

A edição é constituída da seguinte maneira: 1. Frontispício; 2. Prefácio; 3. Carta ao Leitor; 4. Texto do *Divertimento Admirável*; 5. Advertência.

3ª edição – 1977

ABREU, Manuel Cardoso de. *Divertimento Admirável*. In: *Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial (1751-1804)*. Introdução e notas de Ernani Silva Bruno. São Paulo: Governo do Estado, 1977, p. 53-87 (Coleção Paulística, v. 1).

Essa terceira edição do *Divertimento Admirável*, de Manuel Cardoso de Abreu, publicada na coletânea sobre São Paulo colonial intitulada *Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial*, de 1977, é baseada na primeira edição da obra, pela RIHGSP.

O texto apresenta atualização ortográfica, abreviaturas não desenvolvidas e também notas do editor, embora o seu número de notas tenha sido reduzido em

•• Apropriação de fontes textuais no Século XVIII

relação à primeira edição. Inicia-se com o frontispício, que apresenta o nome do autor, o título da obra e a sua datação. Ao frontispício segue-se um fac-símile da folha de rosto do *Divertimento Admirável* publicado na Revista.

No cabeçalho da obra, na página 60, aparece a inscrição “DIVERTIMENTO ADMIRÁVEL” e, a partir da página 64 em diante, as inscrições “DIVERTIMENTO ADMIRÁVEL” (páginas pares) e “MANOEL CARDOSO DE ABREU” (páginas ímpares).

A edição é constituída da seguinte maneira: 1. Frontispício; 2. Fac-símile da folha de rosto do *Divertimento Admirável* publicado na Revista do IHGSP; 3. Texto com algumas informações biobibliográficas de Manuel Cardoso de Abreu; 4. Prefácio; 5. Carta ao Leitor; 6. Texto do *Divertimento Admirável*; 5 Advertência.

Memória Histórica da Capitania de São Paulo, de Manuel Cardoso de Abreu

1ª edição – 2007

COSTA, Renata Ferreira. *Edição Semidiplomática de Memória Histórica da Capitania de São Paulo, Códice E11571 do Arquivo do Estado de São Paulo*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, 558 f.

A primeira edição da *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, de Manuel Cardoso de Abreu, deu-se em 2007 em nossa dissertação de mestrado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Essa edição, semidiplomática justalinear, que se propõe a apresentar um texto muito pouco afastado do que se acha no manuscrito e facilmente legível a um público amplo, é acompanhada de um glossário parcial e de índices de expressões latinas, de antropônimos, de topônimos e de cargos, dignidades e funções, além dos estudos codicológico, paleográfico e linguístico da obra.

A edição é constituída da seguinte maneira: 1. Introdução; 2. O século XVIII: contexto histórico; 3. Manuel Cardoso de Abreu: biografia, bibliografia e autoria; 4. Descrição do códice E11571; 5. Edição semidiplomática de *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*; 6. Glossário parcial e índices de *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*; 7. Considerações finais; 8. Referências.

2ª edição – 2014

COSTA, Renata Ferreira. *Memória Histórica da Capitania de São Paulo: edição e estudo*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2014.

O livro intitulado “Memória Histórica da Capitania de São Paulo: edição e estudo” é a publicação de nossa dissertação de mestrado pelo Arquivo do Estado de São Paulo, instituição de guarda do documento manuscrito.

Para além do título, não houve alterações entre as duas versões. Desta forma, assim como na edição anterior, essa é constituída da seguinte maneira: 1. Introdução; 2. O século XVIII: contexto histórico; 3. Manuel Cardoso de Abreu: biografia, bibliografia e autoria; 4. Descrição do códice E11571; 5. Edição semi-diplomática de *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*; 6. Glossário parcial e índices de *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*; 7. Considerações finais; 8. Referências.

